

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

MARTA DE CASTRO ALVES BICHIR

CAMGIRLS:

O impacto do trabalho na vida das modelos de *webcam*

SÃO PAULO - SP

2022

MARTA DE CASTRO ALVES BICHIR

CAMGIRLS:

O impacto do trabalho na vida das modelos de *webcam*

Trabalho de Conclusão de Curso em
Psicologia, da Faculdade de Ciências
Humanas e da Saúde da Pontifícia
Universidade Católica de São Paulo
(PUC-SP).

Orientador: Prof. Dr. Marcelo
Camargo Batistuzzo

SÃO PAULO - SP

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço meus pais, pelo apoio, incentivo, amor e compreensão. Muito obrigada Bete e Aluísio, os amo. Agradeço minha família, Nena, irmãos, tios, padrinhos... Todes aqueles que eu sei que me apoiam e torcem por mim. Acrescento também a família não humana, cães e gata, com os quais aprendo sobre amor.

Agradeço meus amigos, amigas e amigos, meu companheiro e afetos, por tornarem esse percurso um pouco mais leve, acompanhado e fortalecido pelos nossos laços. Vocês foram e são essenciais.

Agradeço Cláudia, Edite, Humberto e todas as demais trabalhadoras e trabalhadores que marcaram minha vida. Agradeço pelo trabalho, pela simpatia, pela paciência, pelas risadas e sotaques que animam o dia de qualquer um. Vocês foram muito importantes nesse processo.

Agradeço meus professores e professoras, de todo meu percurso escolar, do cursinho e da graduação. Sem o trabalho incrível desses profissionais, nada disso seria possível. Força para enfrentarem e resistirem à realidade da docência no Brasil. Meu obrigada especial para Marcelo Batistuzzo, pela orientação, escuta e colaboração nesta pesquisa. Cris Andrada pelos aprendizados, referências e inspiração. E Emerson Costa por me ensinar e fazer acreditar que mudanças são possíveis e ter sido fundamental no meu apaixonamento pela psicologia.

Agradeço às mulheres que vieram antes de mim por abrirem o espaço para discutirmos, pesquisarmos, questionarmos e dedicarmos à temáticas como a desta pesquisa. Todas aquelas que batem de frente com o capitalismo, o patriarcado, o sexismo e outras diversas violências.

Agradeço ao Coletivo Feminista Libertas - cada uma das ex e atuais integrantes. Construir esse espaço com vocês me ensina muito e me faz acreditar em novos horizontes. Por fim, mas não menos importante, agradeço às camgirls que responderam ao questionário dessa pesquisa e um agradecimento especial para as três entrevistadas que dedicaram um pouco do seu tempo para falarem comigo.

Deixo um recado para Marta: não se amedronte com as temáticas que socialmente são negadas às mulheres. Falar de sexualidade, sexo, mercado sexual e demais tabus é urgente. Que o conservadorismo, moralismo e demais "ismos" não vençam esse jogo de poder.

Fora Bolsonaro.

RESUMO

Área do conhecimento: 7.07.00.00-3 - Psicologia Social

Título: Camgirls: o impacto do trabalho na vida das modelos de *webcam*.

Orientanda: Marta de Castro Alves Bichir

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Camargo Batistuzzo

Em um cenário de inovações tecnológicas, novos serviços sexuais, sociedade patriarcal capitalista e precarização do trabalho, encontram-se as *camgirls*. Jovens mulheres, maioria cisgênero, que fazem apresentações eróticas, em plataformas especializadas, para um público pagante. Assim como outras profissões, o *camming* envolve questões de gênero, raça, reflexões sobre o sistema neoliberal, *uberização* do trabalho e as consequências desta. A presente pesquisa foi guiada pelo referencial teórico da Psicologia Social do Trabalho e teve como objetivo: 1) aproximar-se de *camgirls*, a partir do relato das próprias modelos sobre seu trabalho, investigando como este afeta a vida delas e 2) procurar, a partir das falas das entrevistadas e referências teóricas do tema, aproximações entre o *camming* e a *uberização* do trabalho. Para isto, foi divulgado nas redes sociais um questionário de interesse em participar da pesquisa, com o qual se obteve 9 respostas. Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, no formato online e transversal, com três dessas nove *camgirls*. As entrevistas compuseram os resultados da pesquisa e foram organizadas em eixos temáticos. Ademais, foi realizada uma revisão de literatura na área da psicologia, bem como explorou-se a plataforma de trabalho mais citada pelas trabalhadoras, incluindo a leitura do contrato de prestação de serviço. Buscou-se analisar temáticas comuns entre as trabalhadoras que apontaram para possíveis impactos na vida delas. Discutiu-se como o trabalho realizado por elas é marcado pela escuta e acolhimento dos clientes, bem como com a diversidade de demandas de cunho sexual ou não, as quais afetam a saúde mental das trabalhadoras. Além dos medos e receios das modelos em revelar a identidade no trabalho, tratando-se de uma ocupação rodeada de preconceitos e *tabus*. Somado às entrevistas, discutiu-se a *uberização* do *camming* que envolve, dentre outras características, a ausência de vínculos empregatícios e garantias no trabalho.

Palavras chave: *Camgirls*; modelos de *webcam*; *uberização* do trabalho; Psicologia Social do Trabalho.

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	6
1.1 INTRODUÇÃO AO CAMMING	7
1.2 ENTRADA NO MERCADO DO SEXO	8
1.3 PERFIL DAS CAMGIRLS	9
1.4. COMO FUNCIONA	10
1.5. PORNOGRAFIA ONLINE E PROSTITUIÇÃO	11
1.6 . O TRABALHO COMO CAMGIRL: MUITOS BENEFÍCIOS?	12
1.6.1 EMPREENDEDORISMO E AUTOEMPREGO	12
1.6.2 PLATAFORMAS E MEIOS DIGITAIS: A UBERIZAÇÃO DO TRABALHO	14
1.6.3 MERCADO EM ASCENSÃO	16
1.7. CAMGIRLS: UMA FORMA DE EXPRESSÃO DA LIBERDADE DAS MULHERES?	17
1.8. UMA QUESTÃO PARA PSICOLOGIA	19
2. OBJETIVOS	20
3. MÉTODO	20
3.1 BREVE PERCURSO DA PESQUISADORA	20
3.2 PERSPECTIVA TEÓRICA	21
3. 3 PARTICIPANTES	21
3.4 ENTREVISTA	23
3.5 ANÁLISE DE DADOS	23
3.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS	24
4. RESULTADOS	24
4.1 PERFIL DAS TRABALHADORAS E O DESAFIO DAS ENTREVISTAS	24
4.2 ENTREVISTAS	26
4.2.1 ALICE	28
4.2.2 DANIELA	34
4.2.3 MIRIAN	41
5. DISCUSSÃO	51
5.1 AS VIVÊNCIAS E O IMPACTO DO TRABALHO NA VIDA DAS CAMGIRLS	51
5.2 CAMMING, UM TRABALHO UBERIZADO	55
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	60
7. REFERÊNCIAS	62
8 . ANEXOS	67
Anexo 1: Busca por participantes (texto e imagem)	67
Anexo 2: Termo de consentimento livre e esclarecido	68

1. INTRODUÇÃO

Observa-se, ao longo do tempo, modificações no mercado do sexo. Há uma ampliação e diversificação dos serviços oferecidos devido, principalmente, às inovações tecnológicas. Atualmente, até mesmo bordéis e outros estabelecimentos comerciais estão adotando versões *online* com transmissões ao vivo do interior do estabelecimento (CAMINHAS, 2020). Unindo essa realidade com uma outra, a do desemprego mundial e precarização do trabalho (ANTUNES, 1999), em uma sociedade patriarcal¹, encontra-se o trabalho das *camgirls*.

A atividade de uma *camgirl* pode envolver ações diversas, como cenas de strip-tease, atos sexuais explícitos ou apenas o diálogo pela *webcam*, sendo pagas por um ou mais clientes simultaneamente. São utilizadas plataformas específicas para esse trabalho, como *Câmera Privê*, *Câmera Hot*, *MyFreeCams*, dentre outras. Estas disponibilizam o espaço para as apresentações, fazem a mediação entre clientes e modelos, divulgam-nas e recebem parte do valor ganho por elas. As plataformas centralizam as *camgirls* em um ambiente online, havendo uma grande quantidade de trabalhadoras reunidas em um só lugar.

O trabalho como *Camgirl* vêm recebendo grande visibilidade nas mídias, sendo apontado como um dos mais vantajosos financeiramente dentro do mercado do sexo (RAMALHO, 2021). É um mercado em ascensão, principalmente durante a pandemia de infecção pelo SARS-CoV-2 (conhecida como COVID-19), na qual uma parcela significativa da população aumentou o tempo que passa na internet e era recomendado não sair de casa para não se contaminar. Apesar de envolver riscos e possíveis situações desagradáveis (JONES, 2016), os benefícios que estariam presentes nessa atividade, como maior segurança e possibilidade de criação dos próprios horários, são os que recebem maior atenção não somente na mídia, mas entre as próprias *camgirls* (CAMINHAS, 2020). Ao analisar um fenômeno como esse é imprescindível considerar o *capitalismo patriarcal*, uma vez que apresentam-se como formações sociais inseparáveis (HIRATA, 2018). É nesse sistema que reside o processo de *uberização*, precarização das condições de trabalho e descaso com as

¹ Entende-se por patriarcado uma organização social na qual o poder é dos homens, sendo esta palavra quase sinônimo de “dominação masculina” (DELPHY, 2009), cuja universalização pode ser errônea se deslocada de questões de classe e raça. Para Paredes e Guzmán (2014), o patriarcado é o sistema que une todas as formas de opressões e violências, que vivem todas as pessoas e que foi historicamente construído no corpo das mulheres.

trabalhadoras. Assim, esta pesquisa tem por objetivo investigar de forma exploratória os impactos do trabalho na vida das *camgirls*, ouvindo as trabalhadoras e realizando aproximações com a *uberização*.

1.1 INTRODUÇÃO AO CAMMING

Nessa pesquisa as palavras *camming*, *modelagem*, *webcamming* e *Webcamming Erotical Comercial (WEC)* devem ser tratadas como sinônimos. Elas se referem à atividade exercida pelas *camgirls*, por vezes chamadas de modelos de *webcam* ou apenas “modelos”.

Para melhor compreensão desse fenômeno relativamente recente, os subcapítulos seguintes abordarão: 1) O início do *camming* e a entrada das *webcams* no mercado do sexo; 2) O que as pesquisas mostram até o momento sobre o perfil das *camgirls*; 3) Aproximações e distanciamentos desse mercado com o da prostituição e da pornografia; 4) Noções teóricas quanto ao trabalho e o processo de *uberização*, no qual estão inseridas as plataformas usadas pra *camming*; 5) Os debates entre essa atividade e as visões feministas e 6) Como a psicologia se insere nesse cenário.

A definição do que são as *camgirls* e o *webcamming* erótico comercial (WEC) difere entre autores (BLEAKLEY, 2014; LOPES, 2013). Lorena Caminhas (2020), em seu trabalho de doutorado, aponta que a dificuldade de definição para essa atividade também aparece no cotidiano das mulheres envolvidas nesse trabalho, sendo uma das principais disputas nesse universo. Para Lopes (2013), trata-se de uma pornografia amadora em tempo real, sem roteiros ou scripts. Já para Bleakley (2014) o *webcamming* é a exposição de si de modo erótico ou sexual para uma câmera, vista por uma vasta audiência.

Jones (2016) aponta que, diferentemente da pornografia tradicional, o vídeo ao vivo e componentes interativos de *webcamming* permitem que trabalhadoras criem conteúdos exclusivos para cada performance, atendendo aos pedidos dos clientes. Em sites destinados ao *camming* verifica-se que, diferentemente da pornografia tradicional, os espectadores podem interagir, tanto com as modelos quanto com demais espectadores (LOPES, 2013).

A respeito do trabalho das *camgirls*, chamadas por Silva (2014) de *strippers* virtuais, atesta-se que:

Nos shows as *strippers* impõem uma visibilidade exacerbada de seus corpos, promovendo uma superexposição do íntimo por meio da *webcam*, cujo gesto contribui para a diluição das margens entre o privado e o público, já bastante tênues

no tempo que temos vivido (sendo que o ciberespaço tem evidente colaboração nesse processo) (SILVA, 2014, p. 119).

No entanto, o *webcamming* erótico comercial (WEC) não se resume ao ato de se despir, pelo contrário, tanto trabalhadoras quanto clientes relatam que algumas sessões são marcadas apenas por conversas, essa característica pode sofrer influência da cultura. Surpreendentemente, as *camgirls* brasileiras entrevistadas por Caminhas (2020), apresentam o diálogo como o principal aspecto dessa atividade. Dentre elas, uma relata ter tido um cliente que imaginava estar em um relacionamento sério com ela. Muitas pessoas querem atenção e conversar sobre o dia, estão "carentes *de afeto*", como descreveu uma delas (CAMINHAS, 2020, p.110). Como *Camgirl* e pesquisadora do tema, Nogueira (2019) aponta que:

É interessante pensar que os serviços oferecidos mostram-se muitas vezes atravessados por outras dinâmicas afetivas, como a amizade e a conexão emocional, apontada inclusive como desejável e necessária por alguns (...) consumidores desse serviço (NOGUEIRA, 2019, p. 127).

1.2 ENTRADA NO MERCADO DO SEXO

O *camming* nasce junto com as *webcams*, pequenas câmeras que captam imagens e as mandam para o computador. Teve início nos Estados Unidos, na década de 1990. Como aponta Caminhas (2020), as primeiras *camgirls* eram garotas da faixa etária entre 13 e 25 anos, que se exibiam na internet. Esse exibicionismo, a princípio sem nudez ou conteúdos explicitamente eróticos, envolvia mostrar partes da casa, a rotina, o que gostavam de fazer. Era um *homecamming* (CAMINHAS, 2020). O interesse e curiosidade das pessoas quanto a vida privada de outrem parece ser uma peça chave nesse cenário. Conteúdos que mostram o que as pessoas fazem, como fazem, etc, dão *ibope*, como exemplo, no país, temos o *Big Brother Brasil*², nos Estados Unidos, tem-se *Keeping Up with the Kardashians*³ (que também concentra grande número de espectadores brasileiros).

No Brasil, o *webcamming* surgiu entre os anos 2000 e 2002, sendo em 2010 a popularização e o aumento dos sites adultos destinados para essa atividade. Foi nesse período que as *webcams* entraram no mercado do sexo e foram usadas majoritariamente para

² *Reality show* exibido desde 2002 no qual os participantes ficam confinados em uma casa rodeada por câmeras. O vencedor leva uma grande quantia de dinheiro.

³ *Reality Show* que mostra o dia a dia da, famosa e rica, família Kardashian.

exposições eróticas pagas. Dobson (2008) aponta que, apesar da “mudança de cenário”, ou seja, de garota adolescente em seu quarto, para um espaço mais “público” com uma lógica mercantil, o fenômeno das *camgirls* parece manter algumas noções tradicionais, como a mulher no espaço privado e doméstico e com representações bem estabelecidas de feminilidade. Nas palavras de Caminhas:

Existe uma diferença abissal em se mostrar diante de uma câmera com finalidades recreativas e satisfação pessoal e se apresentar para um vasto público cobrando valores determinados por tempo em cena. Além disso, precisamos considerar o momento no qual aparecem grandes empresas de mídia que passam a gestar esse negócio – provocando uma mudança que parte de um momento marcado pela iniciativa individual de mulheres que realizavam o *webcamming* em direção ao seu desdobramento posterior, no qual as organizações centralizam as possibilidades de exibicionismo na web (CAMINHAS, 2020, p. 72).

A partir de 2016 o WEC começou a receber maior atenção da mídia, além de ampliar-se e estruturar-se ainda mais (CAMINHAS, 2020). Atualmente, essa atividade tem sido mostrada pela mídia como uma das mais lucrativas do mercado erótico (RAMALHO, 2021).

1.3 PERFIL DAS *CAMGIRLS*

Como citado anteriormente, o *camming* começou nos EUA com garotas jovens em suas casas mostrando-se nas mídias de forma gratuita e não erótica. Hoje, o perfil do WEC parece não diferenciar-se tanto de sua origem. Apesar de heterogêneo, o *camming* é um ramo caracterizado majoritariamente por mulheres cisgênero, como aponta Caminhas (2020). No entanto, há um número crescente de *camboys* (DOBSON, 2008) e é possível encontrar a categoria “Transex” em sites como Câmera Privê⁴, embora o aparecimento de pessoas transsexuais nesse ramo seja recente (CAMINHAS, 2020). Quanto a isso, verifica-se:

Existe uma maior participação feminina dentro desta prática, devido à carga sexual dada historicamente ao corpo dessas, a necessidade de cuidar do outro e levar sustento para suas casas (MANTILLA et al, 2020, p.73, tradução livre).

O *camming* é marcado por mulheres jovens. Em uma pesquisa envolvendo uma das maiores plataformas de *camgirls* dos EUA, Jones (2015) aponta que a idade média das

⁴ O Câmera Privê é um site brasileiro adulto com cerca de 8 milhões de clientes cadastrados, dos quais 150 mil têm assiduidade mensal, os consumidores podem assistir e conversar com modelos que fazem shows através da *webcam* (ALVIM e MACHADO, 2019).

modelos é de 26 anos. No trabalho de Caminhas (2020), no Brasil, a média de idade das entrevistadas é de 25,6 anos. Em relação às plataformas, as brasileiras também fazem uso dos sites estrangeiros. Como aponta Jones (2015), na lista de países da plataforma de *camming* por ela pesquisada, além dos EUA e do Brasil, estão modelos de mais de 30 países.

Outra característica do perfil do *camming* diz respeito a raça. As mulheres que realizam esse trabalho são majoritariamente brancas, principalmente quando se trata dos EUA (JONES, 2015). Em seu artigo “*For Black Models Scroll Down: Webcam Modeling and the Racialization of Erotic Labor*”, Jones (2015) aponta que mulheres negras recebem menos no *webcamming*. Ademais, a pesquisadora coloca em questão a afirmação de que esse serviço é muito lucrativo, ao mostrar que são poucas as mulheres que conseguem lucrar significativamente. Assim, a pesquisadora denuncia que o racismo também está embutido nos sites de *camming*. E questiona pesquisas que priorizam questões de sexualidade e trabalho, tornando a raça apenas um detalhe. Nogueira (2019) também relata que as modelos mais bem sucedidas nesse ramo, ou seja, com alto *camscore*⁵, são brancas, magras, de aparência muito jovem e que apresentam mais características socialmente apontadas como femininas.

1.4. COMO FUNCIONA

Os sites destinados ao *camming* variam entre si. Ao entrar em sites especializados como *Câmera Privê*, *Cam4*, *MyFreeCams* e *Chaturbate*, o usuário/cliente do site se depara com uma lista das modelos que estão *online* e, ao escolher uma delas, são direcionados para uma sala conjunta (“*chats* grátis públicos”). Diversas pessoas podem estar assistindo à *camgirl* que, a princípio, ainda não está recebendo nada. Nesse primeiro momento, as regras podem variar de plataforma para plataforma. No site *Câmera Privê*, por exemplo, as modelos não podem ficar nuas nos *chats* grátis, estes são como vitrines para atrair clientes. Para além desta modalidade, no referido site, existem outros três tipos de *chats* nos quais as trabalhadoras são pagas: 1) *Chat simples*: a modelo interage com vários usuários sem vê-los e recebe R\$1,80 por minuto⁶ por cada pessoa na sala; 2) *Chat privado*: o usuário que convidou a *Camgirl* para esse *chat*, pode abrir a *webcam* e o microfone para interagir com a modelo, ao mesmo tempo que outros usuários podem assistir ao que a modelo faz, mas sem ter acesso a

⁵ O *camscore* é um número gerado pelo site que mostra o dinheiro ganho pela modelo com base no número de horas em trabalho e a quantidade de dinheiro ganho - por exemplo, modelos que passam menos tempo online, mas geram mais dinheiro têm *camscores* mais altos (JONES, 2015).

⁶ Valores referentes ao site *Câmera Privê*, informações de Março de 2022 (<https://cameraprive.com/br/>)

imagem ou conversa do cliente que escolheu o chat privado primeiro. O valor do minuto nessa modalidade é de R\$2,70 por pessoa; 3) *Chat exclusivo*: apenas entre modelo e cliente, que pode abrir a *webcam* e o microfone se desejar, custando R\$3,30 o minuto. No referido site, quando uma modelo se cadastra, passa a ter o acompanhamento de um(a) gerente que deve auxiliar no que for necessário durante a prestação de serviço da *camgirl* na plataforma.

Os sites ficam com uma porcentagem do valor ganho pela *camgirl*, no caso do Câmera Privê essa porcentagem é de 50%⁷. No entanto, como aponta Nogueira (2019), algumas delas acabam usando a plataforma para criar proximidade com os clientes, mas marcam shows por fora (e.g: *Skype*) para ficar com todo o valor ganho. Entretanto, os sites têm monitoramento para evitar situações como essas. Na pesquisa de Caminhas (2020), as *camgirls* apontaram que a melhor opção é utilizar um dos sites especializados e não as saídas alternativas como o *Skype* por razões como segurança, privacidade de informações pessoais e evitar fraudes.

1.5. PORNOGRAFIA ONLINE E PROSTITUIÇÃO

A pornografia online, da forma como existe hoje, faz parte de uma história relativamente recente. Isso porque, nas últimas décadas, com o avanço da internet e com a larga escala de produção audiovisual (SUZIN, 2016), novas categorias, formatos de conteúdo e formas de acesso caracterizam a pornografia, distanciando-se daquela das bancas de jornal e videolocadoras. Ao falar de pornografia, refere-se aos conteúdos de nudez explícita e de atos sexuais encontrados online, em sites como *Pornhub*, *Redtube*, *Yourporn* e *X-Tube*. Na atualidade, é difícil pensar em outro tipo de conteúdo sobre o sexo mais acessível ou de maior circulação do que a pornografia online (DUARTE e ROHDEN, 2016). Inovações recentes em tecnologia, muitas das quais se devem à vasta e lucrativa indústria pornográfica comercial (CICLITIRA, 2004), permitiram que, cada vez mais, os conteúdos pornográficos atendam aos desejos de seus consumidores. Em 2019, o *Pornhub*⁸ teve mais de 6,83 milhões de vídeos novos enviados para o site (PORNHUB, 2019). Sendo assim, “os produtores desses materiais estão constantemente procurando maneiras de criar um produto único e distinto para se destacar do dilúvio de conteúdo pornográfico que pode ser encontrado online” (BLEAKLEY, 2014, p.2, tradução livre).

⁷Parte dos termos de uso do contrato entre modelo e plataforma Câmera Privê: “O Contratante pagará à DMG pela prestação de Serviço de Intermediação de Pagamento uma remuneração equivalente à percentagem de 50% do valor total dos fundos transferidos da conta do Usuário para a conta do Contratante (“Preço”)”.

⁸ Um dos maiores sites de pornografia do mundo e oitavo site mais acessado do planeta. Disponível em: <https://forbes.com.br/listas/2019/04/10-sites-mais-populares-do-mundo/>.

Um exemplo é a pornografia amadora, categoria mais procurada no site *Pornhub* em 2019 (PORNHUB, 2019), na qual os vídeos representam ou são realmente gravados em ambientes caseiros, diferenciando-se dos vídeos feitos em estúdios com grandes produções⁹. Esses conteúdos são, em partes, enviados pelos próprios usuários dos sites pornográficos e chamam atenção para novas formas de relação e distinção entre produtor e consumidor no entretenimento sexual. No caso das *camgirls*, há um possível paralelo com a pornografia amadora, ambas envolvem ambientes caseiros e, teoricamente, sem o envolvimento das grandes empresas do pornô. No caso do *camming*, por ser “ao vivo”, “ultrapassaria” a pornografia amadora. Por exemplo, em sites como Cam4¹⁰, as usuárias podem se exibir pela *webcam* em tempo real para diversas pessoas simultaneamente, recebendo para isso. “*Durante a apresentação, os espectadores podem interagir verbalmente com o performer e com os outros*” (LOPES, 2013, p. 2).

No entanto, apesar da proximidade da atividade das *camgirls* com a pornografia online, na pesquisa de Caminhas (2020) evidenciou-se o afastamento proposto por elas da pornografia e da prostituição. “*Para as camgirls, se afastar das prostitutas também é um mecanismo para situar o webcamming no terreno dos prazeres e da autonomia*” (CAMINHAS, 2020, p. 177). Portanto, é possível comparar o *camming* com outros ramos do mercado do sexo, mas não deve ser definido igualmente:

Percebemos o esforço em tentar enquadrá-lo (*camming*) como pornografia ou prostituição, ramos dos mercados eróticosexuais dos quais se aproxima e que são mais conhecidos dos estudiosos. Nesse momento, o WEC abandona sua qualidade de empiria exótica e passa a figurar como uma realidade já conhecida, apenas realizada em outro ambiente sociocultural (as tecnologias digitais). Ao fim dessa operação, o exótico torna-se familiar. Em outras palavras, o exotismo é aquilo que impele atenção ao objeto, tornando-o relevante academicamente, mas é propriamente seu enquadramento em esquemas interpretativos já assentados que marca sua análise (CAMINHAS, 2020, p. 64).

1.6 . O TRABALHO COMO *CAMGIRL*: MUITOS BENEFÍCIOS?

1.6.1 EMPREENDEDORISMO E AUTOEMPREGO

⁹A pornografia amadora não escapa da grande indústria pornográfica. Seja porque as produtoras apenas simulam uma pornografia amadora, mas não é, seja porque as pessoas que gravam os vídeos, os postam em grandes sites que são mantidos pelas empresas que lucram com a pornografia.

¹⁰ Grande site de *webcamming* com diversas opções de modelos, CamGirls, Camboys, Transex e casais.

Quando o assunto é pornografia, um dos recortes possíveis de ser debatido são os malefícios da existência de uma indústria pornográfica bilionária (ROPELATO, 2014). Nessa indústria, o sofrimento gerado aos trabalhadores chama a atenção para a permanência e manutenção de uma sociedade patriarcal e exploradora. Uma gama de artigos jornalísticos (e.g: KRISTOF, 2020) e de pesquisas acadêmicas (e.g: BATES, 2016; BOTHE et al., 2020; BRIDGES et al., 2010; CARROTTE et al., 2020; SILVA, 2018), debruçam-se em analisar e divulgar informações sobre o fenômeno do pornô, desde sua produção até o consumo. Quanto ao sofrimento gerado às trabalhadoras do ramo pornográfico, Bridges et al. (2010), analisando 304 cenas de vídeos pornôs, apontam que 88,2% continham agressão física (e.g. palmadas, engasgos e tapas) e 48,7%, agressão verbal, principalmente xingamentos. A maioria das agressões é cometida por homens. Algumas ex atrizes do ramo, como Shelley Lubben (1968-2019), fundadora da *Pink Cross Foundation*¹¹, denunciam os abusos sexuais sofridos no trabalho: “*Algumas de nós odiávamos tanto (gravar os vídeos) que eu podia escutá-las vomitando no banheiro entre as cenas*” (LUBBEN, 2010, p.11, tradução livre). Bleakley (2014) aponta que em uma indústria que é marcada pelos maus-tratos, como a indústria pornográfica, os sites destinados para *camgirls* abrem a possibilidade para que estas se tornem suas próprias empreendedoras de forma segura e com maior controle das condições de trabalho. Quanto a isso, identifica-se a possibilidade das trabalhadoras não encontrarem fisicamente seus clientes e não contaminarem-se com ISTs.

Nesse cenário, a atividade de *camgirl* chama a atenção para um tema de grande apreço para o sistema capitalista: o empreendedorismo. A leitura do trabalho sexual digital que vem se desenvolvendo, tem sido concentrada nos benefícios desse serviço, como os melhores salários, maior segurança nas condições de trabalho e diminuição de riscos (JONES, 2016). Observa-se que, entre as próprias *camgirls*, o discurso evidencia os benefícios desse serviço:

É interessante pensarmos que a pouca ênfase em possíveis desvantagens caminha de mãos dadas com a necessidade das modelos em construir uma imagem do próprio trabalho, que passa a interferir diretamente em sua autoimagem (CAMINHAS, 2021 p. 18).

No entanto, Jones (2016) apresenta os riscos envolvidos nesse serviço como as várias formas de assédio por meio de mensagens ofensivas, indesejadas e incessantes voltadas para

¹¹ Fundação australiana anti-pornografia que oferece educação ao público em geral e aos trabalhadores adultos da indústria do sexo sobre os efeitos negativos da pornografia.

as *CamGirls*, além do *capping*, que consiste na gravação não consentida da performance e disponibilização desta em sites pornográficos e o *doxxing*, caracterizado pelo recolhimento de informações pessoais da trabalhadora por meio da internet a fim de distribuir online.

Atualmente não existe nenhuma legislação específica para o caso das *camgirls*, em muitos casos, não há uma relação empregatícia envolvida. No entanto, determinadas leis que pautam o uso da internet e que vão contra a ideia de que o mundo online é “terra de ninguém”, podem ser aplicadas nesse caso. Como o Marco Civilizatório da Internet (MCI) que garante a segurança de informações pessoais e o direito à privacidade (TEFFÉ e MORAES, 2017), fatores que seriam violados caso a apresentação de uma *CamGirl* fosse gravada sem seu consentimento, por exemplo.

Quanto às modalidades de trabalho no *camming*, Bregantin (2017) as difere em três: autoemprego, empreendedorismo e aquelas que se aproximam de relações de trabalho. Esta última caracteriza os casos nos quais as modelos costumam ser exclusivas, trabalham aproximadamente 40h semanais e que determinada plataforma é responsável por distribuir, propagandear, cobrar e pagar pelo serviço prestado. O empreendedorismo caracterizaria o trabalho daquelas que, além de se autoempregarem, também empregam outras mulheres e lucram com o trabalho delas. Na modalidade de autoemprego, maior parte dos casos entre *camgirls*, a trabalhadora *exerce diretamente a atividade, cria suas próprias condições de trabalho e dispõe de todo o capital necessário à atividade* (BREGANTIN, 2017, p. 10) Quanto ao autoemprego e ao empreendedorismo verifica-se:

Em um cenário de apartheid global, o autoemprego é percebido como sinônimo da liberdade, numa sociedade de risco, no qual desapareceu do horizonte a estabilidade representada pelo estado-providência. Alardeado como desejo de autonomização, o autoemprego raramente é uma opção do trabalhador, e sim falta de opção frente ao mercado de trabalho restrito. A ideologia do empreendedorismo, retoma o discurso do capitalismo liberal, no qual a melhor coisa do capitalismo é ser capitalista e que todos têm a mesma oportunidade (LIMA, 2008, p. 9).

Assim, como aponta Nogueira (2019), ao analisar o fenômeno das *camgirls*, não é possível ignorar a lógica neoliberal que estrutura nossa sociedade.

1.6.2 PLATAFORMAS E MEIOS DIGITAIS: A UBERIZAÇÃO DO TRABALHO

Os sites direcionados para o WEC têm a função de disponibilizar o espaço para os shows, cadastrar usuários e modelos, além de divulgar as trabalhadoras (CAMINHAS, 2020).

Ao entrar¹² na plataforma “Câmera Privê¹³”, e selecionar “área de modelo”, a primeira mensagem que aparece é: “tenha rendimentos que superam os R\$30.000,00 reais por mês”. Junto da mensagem, fotos de *camgirls* e *camboys*, que fazem a propaganda da marca, dentre elas Clara Aguilar, rosto conhecido na grande mídia, ex-BBB, e que tem um perfil no Instagram com 86 mil seguidores. Clara tem também um canal no Youtube com 1.48 milhões de inscritos, onde fala sobre sua profissão e faz propaganda da plataforma¹⁴.

A busca pela atuação como *camgirls* insere-se em um cenário no qual a tecnologia e plataformas digitais caracterizam novas relações de trabalho. Quanto a esse aspecto, Antunes e Filgueiras (2020) atentam para a precarização do trabalho, como um processo no qual a resistência, revolta e organização do proletariado digital será essencial na obstrução da escravidão digital. A atuação das *camgirls* é majoritariamente mediada por plataformas, a respeito dessa característica do trabalho, verifica-se:

Na medida em que mais modelos se cadastram em uma determinada plataforma ela vai se tornando hegemônica, e conquistam o monopólio daquela atividade, vez que concentra maior tráfego de usuários, e as modelos vão se tornando cada vez mais dependentes da plataforma para trabalhar. Essa por sua vez aumenta seu preço e seus lucros. O que parecia ser um associativismo, cooperativismo ou compartilhamento do cyberspaço mostra-se como um concentrador de riquezas e de poder, retirando a autonomia e a livre escolha de trabalhadoras e clientes (BREGANTIN, 2017, p. 16).

Bregantin (2017), a partir do que foi exposto, aponta para um processo de *uberização*¹⁵ do trabalho sexual no Brasil. As *camgirls* se encaixam na característica de que “*para trabalhadores uberizados não há demissão, pois não há contratação. Não há vagas formalmente limitadas, não há processos seletivos, não há entrevistas ou envio de currículo*” (ABÍLIO, 2020, p. 118).

Quanto às características da *uberização* do trabalho, Abílio (2020), sobre o trabalho em *home office*, aponta que o gerenciamento do tempo fica sob responsabilidade do próprio trabalhador, que pode escolher seu local de trabalho e duração da jornada. Esses aspectos, que a princípio parecem libertadores, são, na verdade, enganosos e por isso, é importante abordar a noção de flexibilização do trabalho. Antunes (2018), ao discutir as novas formas de trabalho

¹² A plataforma, bem como as demais redes citadas no parágrafo, foi acessada no dia 04 de Setembro de 2021.

¹³ Descrição do próprio site: “somos o site adulto brasileiro mais acessado do mundo e o que mais investe em publicidade. *Cammodels* do *Camera Prive* contam com uma equipe comprometida e muito investimento em marketing. Mais de 2 milhões de pessoas entram no *Câmera Privê* todos os dias!!” Acesso em: <https://models.cameraprive.com/br/>

¹⁴ Informações do dia 09/06/2022

¹⁵ “O termo *uberização* se refere a processos que não se restringem a essa empresa nem se iniciam com ela, e que culminam em uma nova forma de controle, gerenciamento e organização do trabalho” (ABÍLIO, 2020, p.112).

na era digital, aponta que a flexibilização diminui fortemente as fronteiras entre a vida privada e o trabalho, além de expressar a necessidade de resposta imediata dos trabalhadores frente às demandas do mercado. Vê-se nesses formatos de trabalho um processo de adoecimento¹⁶ cuja origem está, dentre outros fatores, no processo de individualização dos serviços - o trabalhador está solitário.

1.6.3 MERCADO EM ASCENSÃO

O uso de sites no mercado do sexo não é exclusivo do *camming*. O trabalho sexual tem entrado cada vez mais na internet. As negociações entre profissionais do sexo, como prostitutas e seus clientes são feitos via websites especializados para isso¹⁷. Essa forma de mediação tem benefícios, dentre eles a opção de marcar data e horário específicos, uma vez que nas ruas essas trabalhadoras podem ficar esperando horas e não aparecer nenhum cliente (SANTOS, 2016). Entretanto, com a pandemia de Covid-19, que atingiu todo o mundo e com as recomendações de isolamento social, houve queda no número de visitas na maioria dos sites (PASSOS e ALMEIDA-SANTOS, 2020). Em compensação, sites destinados para o WEC cresceram durante a pandemia:

O site brasileiro *Câmera Hot*, que conta com cerca de 800 camgirls, revelou que no período de 1 a 19 de março teve um aumento de quase 300 mil visitantes se comparado com o mesmo período do mês passado. O cadastro de novos usuários também aumentou, com cerca de 1.000 por dia, um crescimento de quase 30% se comparado com o mês anterior. A receita das modelos cadastradas na plataforma também aumentou em 25% e eles esperam bater o recorde de vendas para o mês de março. Deste valor, 60% vem de usuários recorrentes que estão ficando mais tempo online e gastando mais créditos. Ainda de acordo com o site, também houve um aumento no número de camgirls cadastradas, com cerca de 20 mulheres por dia, um crescimento de 50% se comparado com o mesmo período do ano passado. Além disso, aumentou também o número de modelos online. Antes, elas ficavam offline porque tinham que trabalhar em outros empregos, ir para a faculdade e malhar na academia, todas as atividades suspensas pela quarentena (CRUZ, 2020).

Notícias como essa, como atenta Ramalho (2021), que evidenciam os possíveis benefícios desse serviço, corroboram para a glamourização da atividade de *camgirl* e transmitem a ideia de ser um trabalho fácil.

¹⁶ Aumento de doenças gastrointestinais, questões de saúde mental, exaustão etc.

¹⁷ Exemplo: *fatalmodel.com*, maior site de prostituição do país (PASSOS e ALMEIDA-SANTOS, 2020).

1.7. CAMGIRLS: UMA FORMA DE EXPRESSÃO DA LIBERDADE DAS MULHERES?

Jones (2016) aponta que o crescimento do trabalho erótico *online* pode estar relacionado com uma maior confiança nas ideias neoliberais por parte dos trabalhadores, evidenciando que as narrativas das *camgirls*, no fórum pesquisado por ela, foram marcadas pelo feminismo liberal. Há um debate caro dentro do feminismo, voltado para o casamento entre o feminismo e o neoliberalismo. Nancy Fraser, como descrito por Vintges (2019), aborda criticamente a ideia de que o feminismo atual almeja que as mulheres se tornem sujeitos autônomos, que lutam pelo sucesso pessoal e pela autorrealização, sendo o auge dessa meta o empreendedorismo feminino. Outras mulheres, símbolos do feminismo como Beauvoir e Davis também criticaram a relação entre feminismo e neoliberalismo (VINTAGES, 2013). Davis (2018), discutindo feminismo e abolicionismo no livro *A Liberdade é uma Luta Constante*, afirma que o feminismo vai para além da igualdade de gênero. Trata-se de um movimento que deve conscientizar quanto ao capitalismo, bem como ao colonialismo, etc..

O debate quanto a regulamentação dos trabalhos no mercado do sexo encontra-se em um terreno pantanoso, no qual as vertentes feministas divergem entre si, mas, para além disso, dentro das próprias vertentes não existe unanimidade. Primeiro há a discussão sobre trabalhos do mercado sexual serem ou não serem inerentemente opressores de gênero. Surgem diferentes opiniões nas quais a temática da regulamentação desses serviços recebe destaque.: No caso da regulamentação da prostituição no Brasil, como mostra Carvalho (2013), determinados grupos da sociedade se colocaram contra, como o Coletivo da Central, formado por mulheres da Central Única dos Trabalhadores (CUT). No entanto, como aponta Grant (2021):

O estigma e a violência que as profissionais do sexo vivenciam são muito mais danosos do que o trabalho em si, mas isso é incompreensível para aqueles que só conseguem enxergar a prostituição como um sistema de violência autoimposto (GRANT, 2021, p. 26).

Dobson (2008), a respeito das *camgirls*, aponta que nos espaços de mercantilização das imagens de mulheres, há uma naturalização da mulher como localizada domesticamente e como objeto visual. Já Jones (2016), aponta que *camgirls* subvertem ideias antiquadas sobre a sexualidade feminina, produzindo empoderamento. Quanto ao conceito de empoderamento,

Marinho e Gonçalves (2016) apontam que este encontra-se em meio a debates teóricos e conflitos políticos e que a distinção entre o aspecto individual e o coletivo do empoderamento é um importante debate na construção das ideias. Mas, Jones (2016) pontua que esta nova forma de trabalho sexual digital cria uma oportunidade para o empoderamento sexual e o prazer sexual, mas que é possível perceber que as ideias neoliberais adotadas por modelos do ramo podem frustrar os objetivos feministas.

Outro ponto de divergência no debate feminista diz respeito à escolha por esse trabalho. O discurso da “escolha” corrobora para a despolitização da questão e individualização de algo mais amplo, a sexualização do corpo das mulheres, principalmente das mais jovens. *Transformando essas decisões complexas em discursos simplistas de “liberdade” e “escolha pessoal”* (DOBSON, 2008, p. 139, tradução livre). Dessa forma, a autora discorre:

O fato de que na cultura *camgirl*, a menina é vista como estando no controle de sua imagem, e atos sexualmente explícitos são apresentados como a escolha da própria pessoa, significa que, muitas vezes, essas questões são contornadas de forma um tanto simplista e sem problematizações (DOBSON, 2008, p.139, tradução livre).

Quanto ao aspecto de “escolha” por essa atividade, é possível fazer um paralelo com outras profissões do mercado do sexo:

Em um mundo atormentado pela miséria e pela falta de trabalho, desde que se ofereça uma profissão, há quem a siga: enquanto houver polícia e prostituição, haverá policiais e prostitutas. Ainda mais porque tais profissões rendem muito mais do que outras (BEAUVOIR, 2016 p. 364).

Ramalho (2021) chama atenção para a tendência de classificações rasas e errôneas do fenômeno. Ao considerar o trabalho sexual como inerentemente explorador ou empoderador, fecha-se em um entendimento binário. No entanto, como aponta Martilla et al. (2020), é comum no *cybersexo* a naturalização da violência de gênero. As pesquisadoras entrevistaram nove *camgirls* e três *camboys* colombianos. Nesta pesquisa, Martilla et al. apontam que a naturalização dessa violência dentre as trabalhadoras aparecem de diferentes formas. Algumas nem percebem a violência, outras a percebem e tratam como natural por “*fazer parte do trabalho*” e ainda há as que relatam perceber a violência vivida por outras, mas não consigo mesmas.

Nesta pesquisa, portanto, parte-se da compreensão de que é necessário que o pesquisador posicione-se politicamente, pois *“fica claro que se recusar a fazer isso é também uma posição política”* (LOPES E LAURENTI, 2016, p.7). Problemáticas sociais de gênero, classe e raça parecem se expressar diretamente no mundo do WEC e uma psicologia com compromisso social não ignoraria tais fatores. Mas, acredita-se também na importância de ouvir e evidenciar o que dizem as próprias trabalhadoras, sendo estas as protagonistas nesse cenário.

1.8. UMA QUESTÃO PARA PSICOLOGIA

Cabe evidenciar que, se existem trabalhos na Psicologia brasileira voltados para temática das *camgirls*, são poucos. Durante a revisão bibliográfica no início da pesquisa, verificou-se que nas plataformas “Psicologia ciência e profissão”, “BVS -Psi” e “Interação em psicologia”, os resultados para as palavras chaves: “Camgirl”, “Camgirls”, “Camming”, “Webcamming” e “modelos de *webcam*”, foram nulos. O mesmo para a “Revista brasileira de sexualidade humana” e também para “Teses e dissertações USP” e “Unicamp”, sendo que nestas duas últimas o resultado não foi nulo, mas as pesquisas encontradas não eram da área da psicologia. É possível especular que utilizando outros descritores o resultado das buscas seria distinto, mas isso já aponta para uma temática pouco explorada na psicologia. Pode ser que as *camgirls* apareçam em pesquisas a respeito das trabalhadoras do mercado sexual, mas não são necessariamente o tema principal. Os trabalhos citados na introdução desta pesquisa, em sua maioria, estão divididos entre as áreas das ciências sociais, como da antropologia e da sociologia. Os trabalhos brasileiros mais extensos encontrados no tema foram: o doutorado de Caminhas (2020), na Unicamp, a respeito do *camming* brasileiro e o doutorado de Silva (2014), pela PUC-MG, ambos das ciências sociais.

Abordou-se na introdução desta pesquisa, como o WEC está inserido em um campo de debate muito amplo e envolve problemáticas atuais, como a *uberização* do trabalho, bem como une diferentes formas de opressão de gênero e raça. Cabe à psicologia olhar para um sujeito que não está a parte dessa realidade, na qual há uma precarização da saúde dos trabalhadores, perda da razão social do trabalho e a consolidação no imaginário social da *“noção de descartabilidade das pessoas, de naturalidade da insegurança e da competição de todos contra todos, ancorada na fragilização dos vínculos, nas rupturas de trajetórias profissionais, na perda da perspectiva de carreira”* (DRUCK et al, 2010, p. 232). Ademais, é

também papel da psicologia aproximar-se das trabalhadoras de tal forma a desfazer preconceitos, evitar conclusões precipitadas e conhecer junto delas o trabalho que exercem “*temos sido levados a conhecer o trabalho de perto, considerando que suas sutilezas podem ser facilmente deixadas de lado em troca de generalizações ou de abstrações*” (COUTINHO et al, 2018, p.98).

2. OBJETIVOS

Essa pesquisa teve como objetivo geral investigar como o trabalho afeta a vida de uma *camgirl*. Os objetivos específicos são: 1) Aproximar-se do trabalho como *camgirl* a partir do relato das próprias trabalhadoras; 2) Procurar, a partir das falas das entrevistadas e referências teóricas do tema, aproximações entre a atividade como *camgirl* e a *uberização* do trabalho e 3) Aprofundar-se no *camming*.

3. MÉTODO

3.1 BREVE PERCURSO DA PESQUISADORA

Os caminhos possíveis para explorar a temática das *camgirls* eram muitos. Sem dúvidas esse fenômeno deve ser estudado por perspectivas e lentes distintas dada a complexidade e multideterminação do mesmo. Durante a revisão bibliográfica introdutória deparei-me exatamente com essas formas diversas de analisar a temática. Parte dessa observação tentei explicitar na Introdução da pesquisa ao apresentar análises distintas a respeito desse fenômeno. A princípio, a pesquisa seria uma revisão sistemática de literatura que buscava investigar como pesquisadores do tema das *camgirls* têm abordado esse conteúdo. Partia-se da não-neutralidade científica como inevitável e, portanto, os impactos das diferentes formas de apresentar e abordar essa atividade. Questão essa que continuo achando válida e possível futuramente. No entanto, dois dos primeiros textos que li sobre essa temática “*Camgirl e a uberização do trabalho sexual na internet no Brasil*” (BREGANTIN, 2017), juntamente com “*Femininities as commodities: Cam girl culture*” (DOBSON, 2008) me fizeram ter um olhar distinto do inicial e questionar-me quanto a *uberização* do trabalho no *camming*. Ademais, levei um tempo para perceber que soava injusto ou até mesmo

desonesto querer falar sobre um trabalho sem primeiro ouvir aquelas que o vivenciam. Assim, aproximei-me da Psicologia Social do Trabalho e bastou que eu entrasse em contato com a primeira entrevistada para que abdicasse de tentar encontrar verdades absolutas ou princípios universalizantes a respeito do trabalho a ser investigado, permitindo-me a conhecer o trabalho do *camming* a partir das próprias *Camgirls*, aprendendo com elas.

3.2 PERSPECTIVA TEÓRICA

A pesquisa foi realizada no âmbito da Psicologia Social do Trabalho (PST), abordagem na qual o “Trabalho” é a categoria central e, portanto, diverge de outras abordagens da psicologia que sutilmente excluem essa temática. As condições de trabalho ganham a devida atenção e as trabalhadoras são vistas para além da análise funcionalista de que servem para incrementar o lucro. O trabalho é compreendido enquanto sua materialidade e historicidade e, por isso, análises das estruturas de poder, dos valores, das ideologias e das peculiaridades do capitalismo contemporâneo não podem ser excluídas. Portanto, a PST propõe-se a questionar as estruturas de poder e as relações de trabalho que restringem as condições de vida humana e, por isso, os estudos nessa abordagem consideram o macro e o micro, o singular e o geral, sempre buscando a relação entre essas dimensões que não são vistas enquanto dicotomizadas (COUTINHO et al., 2018). Assume-se um compromisso ético com os trabalhadores abrindo mão de pretensões de neutralidade e imparcialidade. Essa abordagem dialoga diretamente com diferentes disciplinas das ciências humanas, como a Sociologia e Antropologia. No âmbito da pesquisa, a PST tem grande influência da Psicologia Social que já considerava em pesquisas os processos psicossociais. Utiliza-se na PST categorias teóricas que ajudam a compreender os modos de subjetivação e o fazer no trabalho. No entanto, as categorias não precedem a experiência dos trabalhadores, e assume-se a provisoriidade das categorias de análise que devem ser pensadas em cada situação de pesquisa (COUTINHO et al, 2018).

3.3 PARTICIPANTES

Considerando o objetivo da pesquisa e questões éticas envolvidas, buscou-se entrevistar *camgirls* com idade superior a 18 anos, que nasceram e viveram a maior parte do tempo no Brasil e que estivessem atuando no WEC no período da entrevista. Uma das

condições para participar da pesquisa era que a modelo realizasse seu trabalho por meio de alguma plataforma especializada em *camming*. O levantamento de interessadas a participarem da pesquisa foi divulgado em páginas de *Facebook* e *Instagram*, além de ter sido enviado no chat privado do *Instagram* para algumas *camgirls* que a pesquisadora encontrava aleatoriamente ao digitar “*camgirl*” na área de busca. Uma das entrevistadas foi convidada para participar da pesquisa¹⁸ e foi uma indicação de uma psicóloga formada pela PUC chamada Beatriz Lee que pesquisou em seu TCC “Estigma, sentido e saúde em trabalhadoras sexuais: Uma perspectiva psicossocial”.

As postagens nas redes sociais para divulgar a pesquisa eram compostas por uma breve mensagem (Anexo 1) que situava o leitor a respeito da temática da pesquisa, quem pode participar e os objetivos, junto desta foi disponibilizado um link de Google Forms a ser preenchido pela *Camgirl* que tivesse interesse em participar. Nesse Google Forms encontravam-se as seguintes perguntas 1) Permissão para o uso das informações passadas nesse formulário 2) Idade; 3) Se é mulher cisgênero; 4) Se atua em plataforma especializada e se possível dizer qual; 5) Se é brasileira (Estado e cidade que vive). Ademais, depois de um período de divulgação, deparando-se com a dificuldade de realizar as entrevistas, uma imagem de divulgação foi criada (Anexo 1) e postada nas redes sociais (Facebook e Instagram).

Após responder as perguntas do formulário, a interessada em participar disponibiliza por qual meio de contato a pesquisadora deveria entrar em contato para marcar a entrevista: rede social, email, *whatsapp* etc.

Uma vez demonstrado o interesse em participar, a pesquisadora contatou as *camgirls* para as quais foi enviado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Anexo 2), bem como marcado data e hora para a entrevista. Considerando a recomendação de isolamento social pela Organização Mundial da Saúde, devido a pandemia de Covid-19, o TCLE foi enviado via Forms possibilitando que, após a leitura, a participante desse um “*check*”, concordando com os termos ali propostos. Não houve o recrutamento das participantes por intermédio de nenhuma instituição/entidade.

¹⁸ Esse foi um dos recursos usados pela pesquisadora tendo em vista a dificuldade de encontrar *camgirls* que aceitassem participar da pesquisa.

3.4 ENTREVISTA

A PST privilegia as abordagens metodológicas qualitativas. Assim, foram realizadas entrevistas semi estruturadas de forma online. O desenho do estudo foi transversal¹⁹. Algumas das perguntas incluídas no roteiro de entrevista foram baseadas nas questões realizadas por Caminhas (2020) e Mantilla et al. (2020) cujos trabalhos envolveram entrevistas semi-estruturadas com *camgirls* (ver questionário, Anexo 3), outras foram inspiradas no trabalho de Andrada (2005) que buscava, dentre outros objetivos, identificar as repercussões psicossociais na vida dos trabalhadores que envolvem-se em vínculos autogestionários de trabalho. Assim, as questões que compunham o roteiro foram o principal estímulo para que a pesquisadora entrasse em contato com a narrativa das modelos sobre seu trabalho.

Durante as três entrevistas o áudio foi gravado, após o consentimento das participantes. Este foi utilizado apenas para a transcrição e deletado em seguida. Ficava a critério da participante se a entrevista seria apenas por áudio ou se também envolveria vídeo, sendo que, mesmo que esta segunda opção seja escolhida, a participante poderia permanecer com a identidade preservada como utilizando máscara ou qualquer outro objeto que não permitisse sua identificação ao longo do encontro. O contato online com as modelos foi encerrado após a entrevista, com exceção da primeira entrevistada com a qual a pesquisadora entrou em contato para tirar dúvidas sobre determinados conteúdos ditos na entrevista. Esse contato ocorreu via mensagem de texto de *Whatsapp* cerca de 2 meses após a entrevista. Nesta nova troca entre pesquisadora e trabalhadora, esta última fez novas considerações que foram somadas à entrevista com a permissão da modelo.

3.5 ANÁLISE DE DADOS

Após a transcrição das entrevistas foi realizada uma leitura flutuante²⁰ em primeiro lugar. Na sequência, depois de outras leituras, os dados foram organizados em partes. A primeira parte é uma caracterização objetiva do perfil das entrevistadas com informações obtidas no formulário de interesse em participar desta. A segunda parte adentra nas três

¹⁹ Período de tempo determinado para a pesquisa. A pesquisadora não acompanhou as trabalhadoras ao longo de um período, tratando-se de apenas um encontro com cada.

²⁰ Um contato inicial com o texto, permitindo-se ter as primeiras impressões e pensamentos a respeito do conteúdo.

entrevistas realizadas que foram divididas em eixos temáticos que emergiram ao longo das entrevistas com cada uma das trabalhadoras. Para identificar esses eixos temáticos, a pesquisadora releu diversas vezes as transcrições e analisou quais foram as principais temáticas que emergiram ao longo do encontro. Estas foram nomeadas da forma que melhor parecia expressar o que estava sendo dito pelas trabalhadoras, com títulos que podem, ou não, envolver frases ditas pelas entrevistadas. Essa metodologia foi inspirada na identificação e nomeação de núcleos de significação de pesquisas da psicologia social (AGUIAR E OZELLA, 2013). Ou seja, apesar do objetivo do trabalho não ser encontrar tais núcleos, a forma como a pesquisadora chegou nos eixos temáticos das entrevistas, de certa forma, aproximou-se deste processo.

3.6 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Essa pesquisa não feriu os direitos humanos, não atuou de maneira violenta com os sujeitos, resguardando a identidade e mantendo o sigilo das suas informações, seguindo as diretrizes e normas regulamentadoras da Resolução 196, de 10 de outubro de 1996, de pesquisas envolvendo seres humanos, do “Conselho Nacional de Saúde”. Além de seguir as *“Orientações para procedimento em pesquisa em qualquer ambiente virtual”* da Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Ética em Pesquisa de 2021. As participantes tinham a todo momento o direito de retirar-se da pesquisa, recusar responder determinada pergunta, assim como manter sua identidade preservada. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da PUC-SP com parecer número 5.172.898.

4. RESULTADOS

4.1 PERFIL DAS TRABALHADORAS E O DESAFIO DAS ENTREVISTAS

Os dados apresentados na tabela a seguir foram obtidos no “formulário de interesse em participar da pesquisa”. Sendo assim, todas que responderam esse formulário disponibilizaram um meio de contato para que a pesquisadora marcasse a entrevista online, esses meios variaram entre *Whatsapp*, *Telegram* e *E-mail*. As trabalhadoras consentiram a divulgação destas informações.

Tabela 1: Dados obtidos no “Formulário de interesse em participar da pesquisa” organizado por idade, cidade/estado e plataforma de trabalho/nacionalidade das *camgirls*.

Trabalhadoras	Idade	Cidade/Estado	Plataforma de trabalho/nacionalidade
<i>Camgirl 1</i>	entre 21-24	Dracena SP/ Santos SP	Vídeo chamada no <i>bate-papo uol</i> ou <i>skype</i> ²¹
<i>Camgirl 2</i>	entre 21-24	São Paulo - SP	<i>Câmera Privê</i> (brasileira)
<i>Camgirl 3</i>	entre 25-29	São Paulo - SP	Não informou
<i>Camgirl 4</i>	entre 18-20	São Paulo - SP	<i>Modell Cam</i> (norte americana) e <i>Câmera Privê</i>
<i>Camgirl 5</i>	entre 25-29	São Paulo - SP	<i>Câmera Privê</i>
<i>Camgirl 6</i>	entre 25-19	Belo Horizonte - MG	<i>Câmera Privê</i>
<i>Camgirl 7</i>	entre 21-24	São Gonçalo - RJ	<i>Câmera Privê</i>
<i>Camgirl 8</i>	entre 21-24	São Paulo - SP	Não informou
<i>Camgirl 9</i>	entre 21-24	João Pessoa - PB	<i>Sigame</i> (brasileira)/ <i>Cambox</i> (chinesa)

Como mostra a tabela 1, a maioria das modelos que demonstrou interesse em participar tinha idade entre 21 e 24 anos. Ademais, apenas uma delas não reside na região Sudeste sendo que, nesta região, prevaleceram aquelas que moram na cidade de São Paulo. A plataforma mais utilizada entre as *camgirls* que responderam o formulário foi a brasileira *Câmera Privê*.

As razões apresentadas pelas trabalhadoras para não realizar a entrevista, ao entrar em contato após o preenchimento formulário, variaram: impossibilidade de fazê-la por motivos pessoais, falta de conexão de internet, incompatibilidade de horários devido a maternidade, etc. Em outros casos as mensagens enviadas pela entrevistadora no contato disponibilizado nunca foram respondidas, e até mesmo uma entrevista foi marcada, mas no horário a entrevistada não compareceu.

Em um dos grupos de Facebook destinado para *camgirls* no qual a pesquisa foi divulgada, a postagem de divulgação distinguia-se fortemente das demais. No grupo, as

²¹ Tanto o *bate-papo uol* quanto o *skype* não são plataformas especializada em *camming*

camgirls faziam perguntas sobre as plataformas, ajudavam umas às outras, davam dicas, etc. Era como uma forasteira entrando em um ambiente na qual todas falavam a mesma língua. A pesquisadora era uma jovem mulher, universitária e branca (informações facilmente identificadas pelo perfil do *Facebook*). Quem poderia garantir para as *camgirls* que ela não seria mais uma das diversas pessoas que as estigmatizam, desrespeitam e julgam? Ou seja, ser mulher não bastou para conseguir aproximar-se com facilidade das trabalhadoras e, depois de ouvi-las, isso fez muito sentido. A pesquisadora não ser uma *Camgirl* também a distingue, dentre outros elementos que as diferenciam.

Ainda assim, divulgar a pesquisa em um grupo de *camgirls* no *Facebook* foi a tática mais promissora: duas das três entrevistadas disseram ter chegado no formulário a partir dali. Caminhas, em sua pesquisa (2021), também descreveu a dificuldade de contatar as trabalhadoras e que sua aproximação se deu principalmente por redes sociais como o *Twitter* e o *Instagram*. Duas das entrevistadas dessa pesquisa disseram não utilizar nenhuma rede social como forma de divulgação do trabalho, além de uma delas ressaltar que é proibido divulgar contatos particulares, incluindo as redes sociais, durante os *chats* na plataforma de *camming*. Outra hipótese para a dificuldade de realizar entrevistas diz respeito ao título da pesquisa “*o impacto do trabalho na vida das modelos de webcam*”, para algumas, pode soar um meio de entrar em contato com dificuldades e desafios que esse trabalho apresenta, sendo então possivelmente aversivo falar sobre o trabalho. Se a pesquisa chamasse hipoteticamente “*Camgirls: histórias de empoderamento e liberdade*”, imagina-se que teria atraído mais trabalhadoras. Ademais, se a pesquisa envolvesse apenas responder um questionário online, sem precisar realizar uma entrevista, o número de respostas provavelmente teria sido muito maior. No entanto, apesar do desafio, a efetivação das três entrevistas não se configurou como algo difícil, pelo contrário, a pesquisadora sentiu-se à vontade e bem recebida. Vale ressaltar que se trata de uma pesquisa com uma temática marginalizada e abordar esta na academia é deveras importante.

4.2 ENTREVISTAS

Apesar da opção de realizar a entrevista apenas por áudio ou com o rosto coberto, as três modelos entrevistadas aceitaram que o encontro fosse por vídeo chamada e mantiveram o rosto à mostra o tempo todo. Ademais, as três *camgirls* trabalham ou já trabalharam no site *Câmera Privê*, sendo assim, esse site foi o mais citado ao longo da pesquisa. Vale ressaltar

que, para além das temáticas apresentadas a seguir, uma parcela dos assuntos abordados com as *camgirls* foi sobre o funcionamento do(s) site(s) que usam para trabalhar. Assim, parte significativa do que a pesquisadora aprendeu sobre as plataformas de *camming* citadas na pesquisa, foi com as próprias trabalhadoras. Estas informações estão diluídas ao longo do trabalho, tanto na parte dos resultados, quanto na parte da introdução. Nesta última, as informações serviram como forma de contextualizar o leitor sobre as plataformas antes de entrar em contato com as entrevistas.

Os nomes citados são fictícios para preservar a identidade das trabalhadoras. Os trechos destacados foram escolhidos pela pesquisadora. A entrevista com a *Camgirl Alice* foi dividida entre 1) O corpo que trabalha e 2) Artisticamente falando: a nudez e o respeito; com **Daniela** as temáticas foram nomeadas de 1) O trabalho de entender o outro: as dores e as delícias de ser uma *camgirl*; 2) “*Sou uma boa camgirl*”: a dedicação ao *camming* e 3) “*É a cor da pele*”: a sexualização da mulher negra; por último, a entrevista com a modelo **Mirian** foi dividida entre 1) “*Não tem para onde correr*”: o rosto que se esconde dentro de casa; 2) Clientes diferentes, demandas diferentes; 3) “*Esponja de dor dos outros*”: desabafos e exigências, e 4) Reclamou? Dançou: o boicote daquelas que questionam o site de trabalho. A seguir estão as informações mais objetivas a respeito das trabalhadoras entrevistadas (Tabela 2).

Tabela 2: Dados das trabalhadoras obtidos durante as entrevistas divididos por nome, idade, local onde mora, raça auto declarada, grau de escolaridade, plataforma de trabalho/nacionalidade, renda própria mensal em salários mínimos²² e tempo na profissão.

Nome	Idade	Local onde mora	Raça	Grau de escolaridade	Plataforma	Renda própria mensal (S.M)	Tempo na profissão
Alice	23 anos	São Gonçalo - RJ	Branca	Ensino básico completo	<i>Câmera Privê</i> (BR)	1 SM	1 mês e meio
Daniela	25 anos	São Paulo - SP	Negra	Ensino superior completo	<i>Câmera Privê</i> (BR)	+ 12 SM	9 meses
Mirian	21 anos	João Pessoa - PB	Parda	Ensino superior incompleto (em curso)	<i>Sigame</i> (BR)/ <i>Cambox</i> (CN)	3 SM	2 anos

²² O valor do salário mínimo na época da entrevista era de R\$1.212,00.

4.2.1 ALICE

A entrevista com Alice aconteceu no dia 16 de fevereiro de 2022.

Alice tem 23 anos, mora em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, vive sozinha em um condomínio junto com “*meus bicho*”. É uma mulher branca e tem o ensino médio completo. No período da entrevista, sua única fonte de renda era o trabalho como *camgirl* ao qual dedicava-se há um mês e meio no site *Câmera Privê*. Realiza o *camming* de segunda à sexta e conta que sua meta não é de horas de trabalho e sim de valor, o que torna sua jornada mais desgastante: “às vezes eu fico depois do tempo²³ e eu fico cansada.”. Quanto à renda, Alice disse ainda estar adaptando-se ao site e que ganha o que precisa gastar. Recebe em torno de um salário mínimo por mês, mas acredita que continuando nessa atividade, passará a ganhar mais.

A modelo começou a trabalhar como *Camgirl* depois de mudanças significativas em sua vida. Conta que era casada e que está se acostumando a ficar sozinha. Alice disse ter passado por “*problemas emocionais*” que a impossibilitaram de trabalhar fora de casa. Então, após a indicação de uma amiga, que relatou que o trabalho como *Camgirl* “*dava dinheiro*”, Alice procurou o site de *camming*: “*Tive outras oportunidades, (essa) foi minha última opção para ser sincera, mas acabou que virou A opção. É a principal*”.

Antes de virar modelo de *webcam*, Alice trabalhou como babá, trabalho que, segundo ela, não era suficiente para sustentar-se. Também trabalhou como vendedora, sendo essa atividade com carteira assinada. As pessoas do ciclo social de Alice que sabem do seu trabalho no *camming* são dois amigos, a irmã e a psicóloga.

4.2.1.1 O CORPO QUE TRABALHA

Nos parágrafos seguintes serão apresentadas as falas de Alice em relação a sua adaptação ao trabalho como *Camgirl*, bem como o sentido que o corpo ganha nesse serviço para ela e para aqueles que buscam esse serviço, os clientes.

Alice é um trabalhadora nova no ramo, sendo assim, ao longo da entrevista expressa como tem experienciado a entrada no *camming*:

²³ O tempo referido é de 5 horas, horário recomendado pela gerente da modelo no *Câmera Privê*.

*Eu ainda estou tendo dificuldade de ficar online, então acabo parando muitas horas. (...). Me consome muita energia, **ter que falar toda hora com alguém diferente, toda hora alguém esperando algo diferente de mim.** (...) Consome muito. Então, meu principal desafio neste momento está sendo ficar mais tempo constantemente lá (no site), conseguir uma forma de não me sentir com a energia tão drenada.*

Alice ressalta liberdade e valorização como consequências dessa atividade, mas também fala dos desafios:

*Eu me sinto um pouco libertada, **o meu minuto vale mais do que se eu trabalhasse de carteira assinada**, até porque minha escolaridade é pouca ainda, então me sinto valorizada. (...) Não é um trabalho simples. É um trabalho que, **quando você senta para trabalhar, vai ter um retorno muito mais rápido do que se tivesse trabalhando em outro lugar.** Eu trabalho no conforto da minha casa, não preciso pegar ônibus, não preciso lidar com o patrão. (...) Porém a desvantagem, como qualquer trabalho que não tem patrão, é que (...), **tem que ser tudo nas suas costas. Se você quer ganhar mais do que está ganhando, tem que ir lá e se dedicar mais ainda.***

É possível perceber que, ao contar das vantagens do *camming*, Alice acaba relatando de outro aspecto desse trabalho que parece habitar um terreno de sentimentos contraditórios. Esse aspecto diz respeito ao local que o corpo ocupa no serviço, mas não um corpo qualquer, o corpo de uma mulher:

*No Câmera Privê você não é obrigado a fazer nada que você não queira. **Eu me sinto mais segura. É libertador, entende?** Eu estou ganhando mais, **meu tempo está sendo mais valorizado. É um pouquinho cansativo porque tem que lidar com muitas pessoas e é uma coisa muito íntima, então você está ali se entregando muito intimamente.** Ali você está se expondo para pessoas que você não conhece. (...) Você está lidando com um monte de gente, pessoas que na vida real você não se relacionaria dessa forma. (...) Por mais que seja online, **talvez pra mim, que sou uma mulher**, antes de você se propor a isso tem um outro significado, **você não se exporia para qualquer pessoa daquela forma. Mas ali (no site) você se expõe e fica pensando nos julgamentos que podem vir por causa do seu trabalho. Eu não me sinto mal fazendo aquilo**, na verdade, eu acho que já tenho um **carinho muito grande pelo erotismo, pela nudez, pela sensualidade (...).** Eu estou praticamente sempre pelada em casa, então pra mim não é problema nenhum. Mas às vezes eu fico pensando assim, “se as pessoas souberem, vai dar um rolê, vou ter que dar uma explicação”. (...) Há a valorização por você poder fazer tudo isso sozinha, mas também **medo dos demais, por parte das pessoas ao seu redor.***

No trecho citado, além de ressaltar a leveza de sua relação com a nudez, Alice introduz a temática do corpo como sua ferramenta de trabalho. Junto desta, adentra no medo do julgamento das pessoas pelo serviço que presta. Descrever um corpo atuante em um serviço no qual a imagem tem grande importância, levou Alice a pautar diversas vezes a

respeito do padrão de beleza. A relação dela com tal padrão será mais desenvolvido na próxima temática, mas a entrevistada aponta:

Eu uso o meu corpo para poder ganhar o meu dinheiro, se eu sei que eu tenho uma cintura mais fina, eu demonstro bastante. (...) As vezes eu fico insegura, penso “será que está batendo com os meus princípios?”. É uma coisa que eu tenho pensado bastante, mas como eu sou fruto de uma sociedade que eu preciso de dinheiro para sobreviver, eu uso disso (corpo). Mesmo com o problema de usar meu corpo para ganhar dinheiro, eu não excluo que meu corpo é padrão e que outras pessoas terão outros corpos (...). Você entrando lá (no site) eu vejo bastante meninas com corpos comuns, (mas também) tem mulheres lá com corpos bem estereotipados.

O corpo é uma peça central no trabalho para Alice. A modelo demonstra consciência de que o dinheiro é um centralizador desse serviço para ela, sendo o corpo a forma que encontrou de manter-se financeiramente. Mas vivenciar o corpo nesse serviço, também lhe traz satisfação. Ela conta que se sente mais auto suficiente e mais sensual devido aos diversos elogios e comentários das pessoas que atende, mas ressalta um objetivo:

Quero chegar em um momento onde eu possa (...) quebrar um pouquinho essa percepção de que eu sou só um produto para dar pra prazer pra outra pessoa, eu não sou, entende? Até porque, se você entrar no site, muitas das meninas “botam lá”: “sou humana”, então vamos tratar como uma pessoa.

Sendo assim, Alice parece falar de um corpo sexualizado, exposto, cobrado para determinado padrão e que é tratado como um produto. Nesse contexto, a entrevistada conta de uma das situações vividas no trabalho:

Foi uma pessoa falar para mim, no próprio site, que eu tinha que me cobrir, me chamou de vadia e saiu da minha sala. É sobre a concepção do homem de achar que manda na gente, a gente é usável, mas tem que estar dentro do padrão. Então, se eu estou lá, eu não sou uma mulher de família. (...) Eles pedem muito contato e é estritamente proibido no site você passar contato. Tem que ter aquele jogo de cintura. Eles perguntam muito “você atende fora do site?”, e eu falo “não, não sou garota de programa”.

Quanto a outros trabalhos do mercado sexual, assim como Caminhas (2020) apontou a respeito das *camgirls* entrevistadas por ela (ver introdução), Alice diferenciou o trabalho do *Camming* daquele das profissionais do sexo das ruas:

Eu acho que é diferente até porque as mulheres que vão para fazer programa na rua estão passando por um risco muito maior; eu me sinto segura dentro da minha casa, eu não preciso mostrar o rosto, eu não preciso sair para me encontrar com ninguém (...). É um trabalho totalmente diferente. Ali eu posso desenvolver para ser

*algo onde eu me apresente como “estou me dando prazer e você está assistindo e vamos ter esse prazer juntos”. Não precisa ser exatamente uma coisa “só para ele” (cliente), apesar de ser muito sobre isso, só pra ele. **Você é um produto, a pessoa está te procurando ali para aquele momento, mas acho que dá para fazer de outra forma.***

Assim, Alice parece expressar a realidade até então vivida no *camming* com esperança de que é possível experienciar esse trabalho de uma forma diferente. Para encerrar esse eixo temático, explicita-se a seguinte frase de Alice:

Eu não gosto desse negócio de eu ser um produto, ser só um corpo, alguns caras me vêem assim ali. (...) Eu gosto da chance de mostrar que sou mais do que isso.

4.2.1.2 ARTISTICAMENTE FALANDO: A NUDEZ E O RESPEITO

Nesse subtítulo serão apresentadas as ideias de Alice a respeito dos seus planos profissionais; sua relação com a nudez e o padrão de beleza; e suas expectativas com o *camming*.

A primeira vez durante a entrevista na qual Alice referiu-se a si mesma como artista foi quando relatou da sua relação com a nudez: *“Inclusive, eu sou artista, então gosto muito disso (nudez)”*. Alice contou gostar de arte, da criação de quadros e de ilustrações, e de *upcycling*, que é *“utilizar o que seria descartado para fazer uma nova peça”*. Além disso, Alice relata ter um grande carinho por *design* de interiores, área que pretende estudar no futuro. Antes de começar a trabalhar com o *camming*, a modelo havia investido em ter um estúdio de artes no qual colocaria mobílias garimpadas para vender:

*Eu tenho todas as coisas que eu preciso, já tenho até pessoas que gostam do meu trabalho. Mas (...) eu estava passando por alguns problemas emocionais mesmo, de insegurança muito grande, ansiedade e isso tava me impedindo de me sentir segura para “botar” as minhas coisas em prática. **Por isso você tem que se manter, você tem que trabalhar, não dá para esperar para quando você estiver artisticamente pronta.***

Assim, para *“se manter”*, Alice conta que foi assim que começou a trabalhar como babá, mas o valor que recebia não era o suficiente para sustentar-se. Então, entrou para o *camming* e, no momento, sair desse serviço não parece ser uma opção:

*Apesar de eu morar sozinha, acredito que eu tenho uma realidade boa, eu moro em um condomínio, tenho meu apartamento, tenho meus bichos, então o meu trabalho como Camgirl, eu quero manter. **Não quero perder isso porque (...) eu não tenho***

uma base familiar, então se eu não conseguir me manter eu não vou ter para ir, não vou ter o que fazer.

Apesar da pesquisadora dividir a entrevista por temáticas para fins didáticos, fica perceptível que estas não são separáveis. Alice evidenciou que, para manter-se no que nomeou de uma "realidade boa", não pode deixar o *camming*, sendo assim, o corpo-mercadoria não pode deixar de trabalhar, nem mesmo esperar “*para quando você estiver artisticamente pronta*”. O *camming* para ela é um meio para chegar a um fim:

Então quero conseguir manter isso, pagar meu curso, pagar minha faculdade porque eu acho que não vai valer a pena se eu só ganhar dinheiro e gastar. O dinheiro que eu ganhar no site eu quero investir em mim. Até para que futuramente eu não precise depender disso. Apesar de que eu não vejo como um problema depender disso, é que eu quero ter outros afazeres da minha vida, outra profissão. Meu foco é outra coisa, isso aqui pra mim é só um meio de chegar lá!

Ao longo da entrevista Alice salientou a naturalidade com a qual lida com a temática do *camming* e como aborda-o sem preconceitos, perceptível pela frase “*eu não vejo como um problema depender disso*”. No contato com a pesquisadora, cerca de 2 meses depois da entrevista, manifestou:

Continuo sem expor no que estou trabalhando, mas algumas pessoas para as quais eu contei acabaram comentando coisas como “faz seu dinheiro e sai disso” ou “não vicia” ou também “você é cheia de sonhos, não se prenda a isso”. Eu acho que é de uma falta de respeito (...). É uma profissão como outra qualquer, precisamos aprender, estudar, ver o mercado, nos aprofundar, desenvolver nossos métodos, enfim. É bem chato a forma como falam. (...) Essa não vai ser a única profissão da minha vida, porque realmente quero muito mais, por uma questão de realização profissional, mas acho sinceramente que, que bom que existe essa profissão que nos dá tanta liberdade, e que ganhamos relativamente bem.

Apesar de pontuar o *camming* como uma profissão passageira, Alice, já com um pouco mais de experiência na área, indica: “*estou cada vez mais confiante em querer que nós, camgirls, sejamos mais respeitadas*”.

Alice é artista e usa sua arte para expressar seu enfrentamento contra algo que é sofrido para as mulheres: o padrão de beleza. Parece que uma das formas de enfrentamento para a entrevistada é a autoaceitação. É nesse terreno que se encontra uma das atividades artísticas à qual Alice se dedicava: fazer velas em formato de corpos e vendê-las. As velas eram esculpidas em três formatos diferentes, os quais a artista levantou para mostrar para a

pesquisadora. Os formatos da vela eram de um corpo “mais padrão, tem o (corpo) grávido e o gordo também”:

*Para mim o nosso corpo tem uma representação muito forte porque a gente sofre tanta pressão da sociedade para ter o corpo assim, corpo assado. (...). **A ideia basicamente da minha arte é de auto aceitação.** Porque hoje eu sou uma mulher de corpo padrão, isso eu consigo reconhecer, mas já fui uma mulher que não tinha o corpo padrão.*

A forma como Alice se apropriou do tempo da entrevista foi majoritariamente contando de sua relação com o corpo. Sendo assim, parece ser de grande importância apresentar as suas falas a respeito desse tema. Ela conta:

*Hoje eu tenho silicone no peito, meu peito é pequeno, mas tenho silicone porque eu tinha uma deformação nos seios e isso me deprimia ao ponto de que eu não me olhava no espelho. (Eu) tinha um problema de auto estima muito grande e hoje eu me amo em frente ao espelho porque me tornei uma mulher que eu acho linda, mas sei que meu corpo nessa beleza é padrão. (...) De resto, eu sou magra, eu emagreci muito até por estar passando por toda essa questão emocional, eu perdi 20kg. Eu estava um pouquinho mais gorda do que eu estou. **Sempre foi sobre auto aceitação, porque sempre vi de forma muito violenta como a gente que é mulher sofre.** Desde nova é dito que nosso corpo não é real. **Seu corpo é real, meu corpo é real, o corpo de uma mulher cheia de estria, uma mulher gorda, é real. Mostram pra gente um corpo todo perfeito, aquilo lá não é real. A gente cresce olhando pro nosso corpo como estranho.***

Alice estabeleceu uma relação de apaixonamento com a nudez, pois esta também pode ser uma forma de enfrentar tais padrões doentios:

*Por que eu sou tão apaixonada pela nudez? Porque a nudez faz com que você se reconheça também. Talvez você reconheça coisas no meu corpo que no seu corpo também tem e que, na sociedade em geral, você não vai conseguir enxergar. Por isso que vejo como uma coisa boa. As mulheres que estão na mídia, as que têm dinheiro e fama, elas podem mostrar o corpo delas até onde quiser. Se a Kim Kardashian mostrar a bunda, mostrar tudo, “ok, linda, ela pode!”. Mas se eu não tiver o corpo assim ou assado, já não posso (...). (A nudez) **não só como uma forma de ganhar dinheiro ou de reafirmar o padrão, mas uma forma de você se reconhecer, aí eu acho a nudez bonita, aí eu acho a nudez interessante para todos, como algo de reconhecimento.***

Sendo assim, a nudez para Alice parece ocupar um local no qual mulheres reconheçam seus corpos umas com as outras de forma a aceitar a pluralidade de formas. Mas parece ficar

em aberto se é no *camming* que Alice poderia encontrar a nudez dessa forma como foi descrita.

4.2.2 DANIELA

A entrevista com Daniela aconteceu dia 17 de Março de 2022.

Daniela tem 25 anos, é solteira e mora com uma amiga que também é *Camgirl* em São Paulo. Tem o ensino superior completo e é uma mulher negra. O *camming* é sua única fonte de renda, trabalha no *Câmera Privê* há 9 meses e vive com uma renda de mais de 12 salários mínimos. Daniela contou que começou a trabalhar como *Camgirl* para ter uma renda extra:

“Quando eu entrei (o camming) era uma renda extra, eu tinha uma renda de 7.000 reais aproximadamente, e eu precisava ganhar mais porque eu gasto muito (risos) (...). Hoje, meus ganhos já superaram a minha renda anterior e o que seria uma renda extra. Eu pensava que com o camming eu tiraria aí uns 3.000 (reais) e tava muito bom e hoje eu consigo tirar muito mais que isso.”

Antes de entrar para o *camming*, realizou diversos trabalhos, mas fala de uma vocação para o trabalho como *Camgirl*:

“Já tive empresa, eu sou formada em contabilidade, cheguei a um nível hierárquico bastante alto na última empresa, eu era gerente de RH, mas tem uma questão que é um pouco de vocação mesmo para esse tipo de trabalho, da identificação que tenho com esse trabalho e a remuneração que se tornou com o tempo, em alguns meses de trabalho, superior a minha renda anterior.”

Sua rotina no trabalho é flexível e “*trabalho quando me dá vontade*”, costuma trabalhar por volta de 5 horas por dia e têm como meta diária atingir pelo menos 500 reais diários.

4.2.2.1 O TRABALHO DE ENTENDER O OUTRO: AS DORES E AS DELÍCIAS DE SER UMA CAMGIRL

Nesse subtítulo estão expressas as ideias de Daniela a respeito do trabalho de entender o outro, apresentado como central no *camming*. Bem como estão apresentados os prazeres *versus* os desafios desse serviço.

Para Daniela o principal desafio de ser uma Camgirl é entender o outro: *"Por trás de cada desejo de uma pessoa, de cada pedido, existe uma fantasia ou uma dor, então a empatia é muito importante"*. Assim, entender o outro para ela envolve contextualizar o que leva alguém a procurar seu serviço e o que essa busca significa para cada pessoa:

Tem pessoas que gostam de humilhar, que gostam de fazer pressão psicológica (...). Às vezes a pessoa está ali porque ela realmente quer se divertir, gosta, ou o cara é casado e não quer trair a mulher com uma garota de programa e aí ele vai ali descarregar um pouco. Tem maridos que assistem os sites com as mulheres junto, então ali é um desejo, uma fantasia. Existem as pessoas que têm problemas, por exemplo, o cara que é enrustido, não consegue falar com ninguém, ele vai ali por uma dor. Ou o cara que tem ejaculação precoce ou não consegue gozar ou se sente inferiorizado com o tamanho do pênis, ele tem uma dor, ele procura o camming porque tem vergonha, porque ele sofre.

A relação com os clientes se dá, em partes, pelas solicitações que estes fazem para a trabalhadora. Os pedidos feitos não necessariamente envolvem nudez, como aponta Daniela:

*Ontem mesmo eu fiquei muito tempo no chat²⁴ porque o rapaz queria ver meus pés. Ele queria ver meus pés em uma sandália de salto alto e eu fiquei aqui de sandália, desfilei com várias sandálias (...). **Tem chat que é só conversa**, tem pessoas que tem algum problema no relacionamento, às vezes até uma **disfunção sexual que quer conversar, quer desabafar**. Homossexuais também procuram, as vezes tem vergonha de se transvestir, então existe isso também. Eu tenho uns 3 casos assim que eles me procuram, **querem maquiar, querem colocar peruca, vestir roupa de mulher, conversar e aí me tratam como amiga, é um momento diferente que não existe o sexo.***

A trabalhadora, ao falar do seu exercício de entender o outro, diz também sobre um entendimento de si que passou a mudar sendo *Camgirl* e o que aprendeu nesse ramo:

Eu aprendi muito sobre os desejos, conhecer mais sobre a mentalidade sexual, tanto de homens quanto de mulheres, aprendi muito sobre respeitar as fantasias, conheci algumas que eu não imaginava que existia (risos) e descobri também que eu consigo ter um outro trabalho que me exige algumas habilidades humanas, que antes eu trabalhava muito mais com as exatas, com habilidades humanas, mas muito mais voltada para gerar lucro para alguém, hoje eu trabalho com habilidades humanas para mim mesma. Eu aprendi a explorar (...) mais o meu corpo, a sentir mais prazer comigo, a entender que muitas vezes você não precisa realmente de uma outra pessoa pra você se satisfazer e você consegue entender também que muitas das relações baseadas em sexo elas fracassam exatamente por isso, hoje o que eu mais sinto falta é de uma relação de amizade e não necessariamente uma relação de sexo. Eu consegui aprender a separar o que é sexo, o que é sentimento, o que é amor, hoje por exemplo eu não considero um cara

²⁴ Chats são os encontros online entre modelos e clientes pelo site de camming. Existem diversas modalidades de chats, veja mais na introdução (página 10).

que faça um camming que ele está traindo a esposa, na verdade é uma forma dele ter uma aventura, ter uma experiência, sem ter um contato sexual com outra pessoa que nas relações monogâmicas, enfim... (...) uma coisa que eu aprendi no camming foi a separar isso, a pessoa realmente ama a outra, o sexo é só uma parte.

O título “dores e delícias” de ser uma *Camgirl* foi inspirado nas falas nas quais a trabalhadora expressa as contradições no prazer em seguir essa atividade junto com desafios e dores deste trabalho.

Prazeres:

É um trabalho divertido, muito divertido, prazeroso, é um trabalho que você tem “N” possibilidades de explorar o prazer da outra pessoa e o seu próprio prazer. Eu não faço nenhum chat que eu não goste, não faço nenhum atendimento que me constranja, é um trabalho muito divertido que eu conheço muitas pessoas legais também. (...) Eu estou financeiramente satisfeita. (...)

Dores:

O meu desgaste emocional... Às vezes eu faço chats repetitivos, você acabou de fazer alguma coisa e aí entra outra pessoa querendo a mesma coisa, isso também é uma coisa de estereótipo (da mulher negra), mas com tudo isso, ainda estou gostando (...). O cansaço vem, porque o sexo, seja o ato sexual físico ou o ato sexual virtual é uma troca de energia e as vezes a pessoa chega muito carregada. Tem gente com a energia muito ruim, com atitudes ruins, que exige um esforço físico maior. (...) Teve um cara que pediu para eu ficar deitada aberta na cama, difícil você ficar um tempo lá aberta assim, e a pessoa não falar absolutamente nada com você, nada, nada.... Não existia uma troca, uma interação, algo que fizesse aquele momento ser menos... eu me senti realmente constrangida (...). Outro dia uma moça me falou que o rapaz entrou na sala dela e falou “só venho aqui porque você é gordinha e gosto de gente gorda, deixa eu ver a banha da sua barriga” e ela não gosta de ser chamada de gorda. Então tem situações que a gente fica vulnerável, exposta, constrangida, isso cansa até mais do que de repente você fazer muitos movimentos. (...) Eu entro muito com a questão de que eu estou sim me divertindo, mas não é com todas as pessoas que vou me divertir, porque nem todas as pessoas são legais (...). Às vezes tem que fazer alguma coisa que você não quer. Às vezes o cara quer que você enfie o dedo no ânus²⁵ e aí? Você pode dizer “não, não faço”, mas aí vem outro e pede a mesma coisa, aí vem outro e pede a mesma coisa... então assim é um trabalho que você está ali para satisfazer o outro e você se satisfazer com isso é um plus, se você gostar do que você faz (...) Tem uma colega no grupo que é homossexual, ela não gosta de homens, mas os homens vão na sala dela e ela tem que fazer o quê? Então assim, é um trabalho... ali muitas vezes você é um personagem. Tem histórias que são inventadas.

Assim, como conta Daniela, é necessário desenvolver artimanhas para ser uma *Camgirl*, afinal, não é um trabalho fácil, pois “nenhum dinheiro é fácil”:

²⁵ Adaptação

Ter uma inteligência emocional, saber separar o que acontece em um atendimento e o que acontece na vida pessoal é muito importante. Diria que isso é uma característica que toda camgirl tem que ter, se não, ela não consegue ficar nesse tipo de trabalho. (...) É um trabalho que existe a diversão, a parte boa, por exemplo: eu não tenho que me preocupar com a data de uma entrega de relatório, ou a forma como vou falar com funcionários, e mails que tenho que responder, como vou tratar hierarquicamente as pessoas, eu não tenho que responder para um chefe direto, mas é um trabalho que eu respondo diretamente para o meu cliente, tenho uma plataforma por trás que também tenho que corresponder com as minhas atitudes, estar atenta.

Ainda a respeito desse dinheiro que não vem facilmente, quando questionada a respeito da plataforma de trabalho e suas desvantagens, Daniela apontou que “*pagar um percentual pela sua hora de trabalho é super certo*”, referindo-se a taxa que permanece com o site, mas acha errado ter que dividir presente de clientes²⁶ com a plataforma: “*presente é presente, o presente foi pra mim, pela minha personalidade, por algo que eu fiz que agradou o cliente*”.

Daniela navegou entre diferentes mares durante o encontro, o mar dos prazeres, da diversão e dos aprendizados e também, dos desafios, do constrangimento e da dedicação em entender o outro. Para não afogar-se neste último, ela expressa as formas de lidar no *camming*, seja nas histórias inventadas, nos personagens, na separação entre trabalho e vida pessoal e na inteligência emocional.

4.2.2.2 “SOU UMA BOA CAMGIRL”: A DEDICAÇÃO AO CAMMING

Nos próximos parágrafos estão apresentadas as falas de Daniela a respeito do seu envolvimento com o *camming* e como aplica-se neste, além de seus planos para o futuro.

Algumas *camgirls* dedicam-se a mais de uma plataforma de *camming* ou até a outros sites de conteúdo adulto pago, como é o caso do *OnlyFans*²⁷. No site *Câmera Privê*, além das *lives/chats*, existem outras formas das modelos ganharem dinheiro dentro da plataforma, como conta Daniela:

Eu fui convidada pra um site gringo que é o webcam models, eu fiz meu cadastro mas ainda não trabalhei lá, estou adaptando meu cenário, investindo um pouco

²⁶ São valores extras ou mimos que os clientes dão para as *Camgirls*.

²⁷ Site no qual os criadores de conteúdo disponibilizam fotos, vídeos, etc e os usuários pagam para acessar. Esses conteúdos podem ou não envolver nudez e sexo, mas cada vez mais o *OnlyFans* tem sido dominado por conteúdos desse tipo.

*porque eu quero atuar lá de uma forma diferente do que eu atuo aqui no site brasileiro CâmeraPrive. No CâmeraPrivê **você pode vender fotos**, como se fosse um OnlyFans, pode vender vídeos, esse tipo de conteúdo, **também tem os stories**²⁸, eu **faço meus stories lá, tem os que são pagos e os que são grátis, mais para chamar o cliente mesmo**, para avisar por exemplo: “hoje vou entrar 20h com uma festinha”, a gente usa o story bastante para divulgar o que vai acontecer no chat aquele dia (...). **Obviamente quem não é visto não é lembrado.***

Importante ressaltar que cada plataforma de trabalho terá regras e contratos diferentes. No caso do site usado por Daniela, como foi explicado por ela, existe um termo de fidelidade no qual ela concorda em não utilizar nenhum site rival do Câmera Privê, ou seja, ela não pode se cadastrar em nenhum outro site brasileiro, apenas estrangeiro: “*Sites de fora tem vários, eu posso participar se eu quiser, então não vou me desligar, pelo contrário, quero fazer simultâneo.*”

O espaço que Daniela utiliza para trabalhar varia, mas dentro da própria casa:

*Eu faço muito no meu quarto, é uma suíte, **adaptei para o camming**, mas já teve dia de eu falar “**hoje vamos tomar café da manhã e fazer o chat na cozinha**” não necessariamente fazendo sexo na webcam mas **interagindo com as pessoas** (...). **Na sala também já fiz, meu aniversário comemorei no site...então existe esses chats lúdicos que podem ser em outro ambiente**, também, se eu quiser, tem as pessoas que são muito exibicionistas, eu sou um pouco, mas eu não faço tanto, tem pessoas que fazem mais, exemplo: dirigindo, vai à praia, vai a um bar e liga a câmera (...). **Eu utilizo mais o espaço da minha casa por uma questão de privacidade, porque sou uma pessoa conhecida, preservar minha identidade fora desse trabalho.***

Por vezes, *camgirls* contam para um grupo restrito de pessoas a respeito de seu trabalho, quanto a esse aspecto, Daniela aponta que:

***Pretendo agora contar para a família toda.** Por que acho que **já amadureci em relação a isso**, já consigo me posicionar em relação a minha opção de vida porque na verdade **é uma escolha de vida**. Em algum momento é uma renda extra pra algumas, em algum momento é um segredo, é uma fantasiasinha para outras, eu já passei por todas essas fases. (Fase) De ter medo de falar, hoje eu tenho algumas irmãs que sabem, 3 irmãs, eu tenho 4, falta uma. Tenho amigas que sabem, a que eu moro com ela também é Camgirl. Um ex ficante também sabe, então tá tudo certo por enquanto.*

Daniela parece expressar já ter passado da fase de ter medo de falar para as pessoas próximas a respeito de seu serviço. A primeira razão apresentada por ela para contar para os familiares, no entanto, envolve outro medo, o medo de ter sua identidade revelada sem sua vontade: “*Eu pretendo contar porque pode acontecer de **vazar alguma imagem minha**,*

²⁸ Stories são vídeos ou fotos que costumam ficar disponíveis para visualização por 24h.

alguma coisa do tipo, **a internet ainda é terra de ninguém**, apesar de existir lei, a gente está no Brasil, **a impunidade também é muito grande**, então pode acontecer”. Além do medo de ter sua identidade exposta, outra razão pela qual pretende contar de seu trabalho para a família é para poder aumentar seu perfil de trabalho através de divulgações, por exemplo:

eu fiz uma divulgação agora pro site que eu particularmente não gostei porque eu fiz de máscara. (...) Máscara é uma fantasia também, mas eu gosto muito mais disso aqui, olho no olho. Então eu não quero ter problema de ouvir “ah, ela é Camgirl”, eu quero que as pessoas saibam logo que eu sou, quem gostar gostou, quem não gostar paciência e tá tudo certo, eu que estou pagando as contas e (beijos).

Com a divulgação citada anteriormente, Daniela passou, durante um período, a ficar com 60% do valor ganho, ao invés de 50%, e relata com orgulho o fato de ter sido chamada para a divulgação do site:

eles chegaram até mim de alguma forma, acho que eles buscam dentro dos perfis aqueles que estão se destacando e eu estava em um fluxo mais intenso de trabalho com excelentes avaliações, não tenho nenhuma avaliação negativa, os meus atendimentos.... acho que por esse motivo, dentro do meu perfil ali, que querendo ou não estamos falando de estereótipos (...) tem negras, brancas, ruivas, magras, altas, gordas, ali temos de tudo, é diversa a plataforma, então dentro desse perfil de diversidade eles foram buscando uma pessoa que estava se destacando e graças a Deus eu estava (...).

Os planos de Daniela para o futuro envolvem o atual trabalho, com o qual pretende continuar. Disse que não poderia afirmar se daqui 10 anos ainda será *Camgirl*, mas que existe uma evolução dentro do *camming* que envolve ter um nome nesse ramo e acrescenta: **“uma Camgirl, não vai deixar de ser Camgirl, ela vai ser Camgirl e pronto. A não ser que ela vá para outra área, vai ser acompanhante ou vai pra streep club, algo do tipo”**. A dedicação que Daniela tem ao trabalho foi evidenciada pela modelo:

*Eu gosto muito, é um trabalho (...) que seria uma renda complementar, algo temporário talvez, mas que eu me adaptei muito e hoje eu vivo só de camming, ser camgirl pra mim foi uma libertação. **Eu aprendi muita coisa, eu gosto do trabalho, eu me envolvo com o trabalho, eu acho que sou uma boa Camgirl (risos), tenho meus clientes fiéis, tenho boas avaliações, acho que é legal e me identifiquei muito, gosto de ser camgirl.***

Sendo assim, Daniela expressou seu gosto pelo trabalho. Contou desde a diversidade de *lives* que realiza, fotos que vende, *storys* que divulga e o projeto de trabalhar em mais uma

plataforma, bem como os planos de contar a respeito desse serviço para o restante da família e a possível permanência no *camming* no futuro.

4.2.2.3 “É A COR DA PELE”: A SEXUALIZAÇÃO DA MULHER NEGRA

Neste subtítulo estão as falas de Daniela que dizem respeito às vivências de uma mulher negra.

Segundo Daniela, tem aumentado o número de *camgirls* negras na plataforma que trabalha:

Quando a gente fala de estereótipos, eu agrado ou desagrado. Quando eu entrei não tinham muitas meninas negras então os meus clientes eles falam sempre “não tinha negra aqui bonita”, “não tinha negra e eu gosto de negra”, hoje eu vejo mais meninas negras aqui no site, muitas até, mas existe sim essa diferença, mas não pelo site, mas pelo tratamento das pessoas, tem muita gente que não liga, está ali para se divertir, tanto faz se é branca, negra, gorda ou magra, não quer saber. E tem aquela pessoa que vai procurar aquele perfil, então esses dias eu tive um cliente que disse “eu gosto de loira, é meu ponto fraco, eu só ia na sala das loiras, mas eu vi sua foto e resolvi entrar na sua sala e gostei” acontece...

Daniela conta que não se incomoda quando os clientes a procuram especificamente por ser uma mulher negra: “isso é uma coisa normal, na minha vida já era assim (...) comigo nunca teve casos de discriminação por isso, de me maltratar, pelo contrário, quem me procura sempre enaltece a beleza negra, então não me incomoda, não é algo pejorativo”.

Daniela conta como era a experiência de abitar um corpo negro antes da entrada no *camming*:

Nos meus trabalhos os chefes sempre queriam algo comigo (suspiro) sexualmente. (...) Sempre me identifiquei com algo sexual, mas talvez pela própria sexualização da mulher, principalmente da mulher negra. (...) A gente sabe que as escravas eram usadas para isso, as negras mais bonitas, as escravas mais bonitas, eram ditas pelos patrões para abusos sexuais, então já é uma coisa enraizada e fora do camming eu senti e sinto muito mais. Já estive em um relacionamento com alguém que não queria me assumir porque eu era negra e aí pouco depois tava com uma loira e você fala “(..) qual o problema? É a cor da pele.” Mas já tive no trabalho assédio sexuais, propostas, convites e até mesmo de outras mulheres acreditarem que eu estava no meu cargo, não pela minha capacidade, e sim pelo meu corpo. Já tive inúmeros casos, até difícil contar quantos, linguagens pejorativas, já fiz boletim de ocorrência em empresa grande, multinacional, por causa de racismo, na verdade eles sempre colocam injúria racial porque não dá cadeia. Fui vítima várias vezes.

A possibilidade de trabalhar com algo que Daniela pode teoricamente escolher os limites, o que quer ou não quer fazer, ainda que envolva o cunho da sexualização da mulher negra, parece dar mais segurança para a trabalhadora. No *camming*, Daniela aparenta conseguir controlar melhor suas vontades, junto de algo que parece ser extremamente vantajoso para a modelo que é a parte financeira:

Explorar todas essas questões sexuais sem ninguém me tocar é muito bom (risos). Ninguém não, eu me toco (risos). (...) No camming, se eu não quero mostrar meu rosto, eu abaixo a câmera e converso com a pessoa “daqui para baixo”. Por mais que a pessoa tenha uma mente perversa (risos) ela não está me tocando, eu posso falar para ela que estou no Japão, que estou em Portugal, que estou em outro lugar do mundo que ela nunca vai me encontrar, a não ser que eu queira, então me sinto muito segura. Muito não, porque a gente mencionou a possibilidade de vazar um vídeo, uma foto, então não é 100%, mas dentro do que é possível, me sinto.

Assim, Daniela expressou um pouco de sua experiência como uma *Camgirl* negra, mas também trazendo à tona suas vivências fora desse ambiente de trabalho que a marcaram.

4.2.3 MIRIAN

A entrevista com Mirian aconteceu dia 12 de Abril de 2022.

Mirian tem 21 anos, é solteira e mora em João Pessoa, na Paraíba. Vive com os pais, com o irmão mais velho e um poodle. É estudante de jornalismo e cursa o sétimo período da faculdade. Considera-se uma mulher parda “*eu sou filha de um homem preto com uma mulher branca*”. Segundo ela, a renda familiar gira em torno de 7.000/8.000 reais e a sua renda própria é de aproximadamente 3.500 reais.

Mirian começou no *camming* no início de 2020. Completando assim, dois anos de trabalho à época da entrevista. Conta que fazia uma extensão²⁹ da faculdade na qual recebia uma bolsa e quando esta acabou, passou a procurar algum trabalho antes do início do semestre seguinte: “*depois que você ganha seu primeiro salário, você não quer voltar a não ter salário*”. A modelo disse nunca ter trabalhado com carteira assinada, mas já realizou “*bicos*”, como dar aulas para uma criança de reforço quando tinha entre 15 e 17 anos, bem como edição de texto, vídeo e imagem para a faculdade, além de trabalhos com maquiagem também.

²⁹ A extensão universitária é a integração da universidade com a sociedade através de ações e atividades realizadas pelos estudantes que podem ser remunerados com uma bolsa de extensão.

Quem falou sobre *WEC* para ela foi uma amiga que trabalhava como *camgirl* que relatou ganhar uma “*graninha extra*”. Assim, Mirian conta que pensou que o dinheiro seria o suficiente para comprar livros e não precisar pedir dinheiro para seus pais: “*então eu só me joguei no trabalho e pensei “vai ser isso mesmo, vou ficar aqui porque vou fazer uma graninha e aqui estou, ainda”*. A pandemia também teve influência nesse início da carreira, com o distanciamento social e a dificuldade de encontrar estúdios: “*no início era uma rendinha extra para eu não ficar sem nada e depois virou um trabalho como qualquer outro para mim*”.

Mirian trabalha em um aplicativo chamado *Cambox*, segundo ela trata-se de um aplicativo cujo dono é Chinês e o outro é Árabe. Até dois meses antes da entrevista, trabalhava no *Câmera Privê*. Quanto a sua rotina, conta que vai para academia às 6h30 da manhã, depois para a faculdade, na qual permanece até 12h e no início da tarde:

“começo a atender pessoas que querem dialogar. Então, fico mais trocando mensagens que são monetizadas com o pessoal (...). Dependendo do caso, alguns clientes brasileiros me mandam mensagem no Skype ou no Telegram para fazer alguma chamada, acontece umas 3/4x na semana. Depois disso tenho terapia e depois da janta, lá para as 20h30/21h, eu fico online até às 2h da manhã. E é nesse tempo que me dedico 100% ao app. Eu já tive uma rotina mais puxada que eu ficava da 00h até 5h da manhã que foi o período menos saudável da minha vida porque 7h eu tinha aula então eu dormia 2h (...). Eu trato como um horário de trabalho normal, eu fico fora na segunda e quarta que são dias de menor movimento (...).”

Mirian é agenciada. Ela conta que é muito difícil conseguir entrar no *Cambox* sem uma agência, pois seria necessário conhecer os donos do aplicativo ou, como em um caso que ela ficou sabendo, saber falar mandarim. A agência da qual faz parte fica com 15% do valor ganho por ela, sendo que esta taxa é menor quando seu ganho é alto. Segundo ela, a agência auxilia em questões específicas do aplicativo. Em sua entrada no *Cambox*, alguém de dentro do aplicativo entrou em contato para terem uma conversa: “*é critério obrigatório você falar inglês, (...) é bom se você fala espanhol também e, se você puder, falar outras línguas, como italiano, francês, mandarim, principalmente árabe, árabe paquistanês*”.

4.2.3.1 “NÃO TEM PARA ONDE CORRER”: O ROSTO QUE SE ESCONDE DENTRO DE CASA

Nos parágrafos seguintes estão apresentadas as ideias expressas por Mirian quanto às mudanças de comportamento dela em relação à revelação da sua identidade no trabalho, além

do conhecimento de sua família a respeito do *camming*. Estão também as falas voltadas para a experiência de trabalhar dentro de casa.

Mirian conta de como vivenciava o trabalho há dois anos atrás:

No início eu não mostrava rosto, eu dizia que eu morava em São Paulo, que meu nome era outro, que eu tinha um namorado chamado Henrique, eu criei toda uma fanfic³⁰ para ninguém me achar. Eu tinha uma bandana que eu usava para esconder minhas tatuagens, eu amarrava a bandana no braço. (...) Acho que fiquei sem mostrar o rosto de Abril até Outubro (...). Tinha posição que eu ficava, tinha movimento que eu fazia e eu estava sempre muito em pânico (...). Dependendo do dia, eu fazia uma maquiagem super elaborada para me esconder, eu comprei até uma máscara que era muito difícil de usar porque eu não tinha lente de contato na época então tinha que colocar a máscara por cima do óculos (...) eu sentia que eu tava 100% do tempo ansiosa porque eu não queria que as pessoas me descobrissem.

Mas, com o tempo, foi ficando difícil esconder-se:

eu sempre tive essa noção de que é melhor eu contar do que alguém descobrir de surpresa (...) eu falei “quer saber? Sou uma pessoa adulta, meus dois amigos mais próximos sabem, foda-se essa merda, não é como se eu fosse ficar famosa com um milhão de seguidores” e eu comecei a mostrar mais o rosto, na época eu também fiz mais algumas tatuagens (...)

Para Mirian, passar a preocupar-se menos se seu rosto estava ou não aparecendo durante as *lives* foi libertador: “*eu sempre colocava a câmera do meu lábio pra baixo e eu não estava mais tão apavorada em fazer uma posição e meu rosto acabar aparecendo nela, sabe? Meu rosto já está na minha foto de perfil mesmo, não tem pra onde correr.*”

Outro processo de libertação foi quando a trabalhadora decidiu contar para seu núcleo familiar a respeito do *camming*:

A minha mãe criou minha conta no banco antes de eu ser maior de idade, (...) então ela sempre teve acesso e ela começou a ver o dinheiro entrando na minha conta e ficou tipo “você tá ganhando muito né minha filha?” (...) Chamei ela, “vem cá, é aqui meu perfil, é assim que eu faço, assim que funcionam as lives”. Ela passou as primeiras duas semanas bem incomodada, bem irritada e daí ela conversou com meu irmão, sempre tive sorte do meu irmão ser muito gente boa, sempre foi muito tranquilo, então meu irmão acalmou minha mãe, disse que era comum, era tranquilo, que eu era muito responsável. Foi quando a gente falou pro meu pai, e aí os três ficaram tipo “você está segura em casa, você não está se encontrando com esses homens, você sabe colocar os limites então...”. Eles ficaram no início um pouco receosos, um pouco incomodados, ainda não deixam eu falar para a minha avó porque é minha avó que tem 90 anos, mas eles são bem tranquilos (...) Acho que a gente passou umas duas, três semanas com constrangimento geral, eu não conseguia ficar perto de todo mundo. Eu sei que eles não gostavam muito quando eu fechava a porta de noite, mesmo se eu fechasse só para ver série ou filme (...).

³⁰ Narrativa ficcional escrita geralmente por fãs.

Hoje em dia minha mãe chega e fala “e aí, como foi o trabalho ontem? Conheceu algum idiota ou os caras foram legais?”.

O pensamento da família apontado por Mirian, dela estar segura em casa, também apareceu em outros momentos da entrevista, identificando-se como uma vantagem de ser *Camgirl*:

(...) Acredito que depois que as coisas podem ser feitas de forma remota, não tem por que eu sair do meu canto. (...) Me sinto muito mais segura do que na época que eu fazia extensão, por exemplo em que eu tinha que pegar dois ônibus para chegar e era angustiante porque passa 40/50 min em uma condução. Eu sinto que estou segura em casa, um ambiente que de certa forma eu tenho um controle, eu posso dizer não para alguém que eu não gosto, eu posso decidir não atender aquela pessoa de uma forma que, por exemplo, um atendente de loja não consegue, ou um enfermeiro.

Sendo assim, Mirian expressa a grande preocupação que sentia com a possibilidade de revelação de sua imagem durante as lives e como passou a administrar isso de forma que não ficasse constantemente ansiosa. Ademais, a modelo falou sobre a reação de sua família frente ao conhecimento do trabalho dela, o fator “segurança” pareceu ser importante no processo da família na aceitação do trabalho da modelo. Quanto à segurança, a *camgirl* ressalta o quanto gosta de trabalhar de dentro de casa e o quanto este ambiente lhe permite certo controle.

4.2.3.2 CLIENTES DIFERENTES, DEMANDAS DIFERENTES

Neste eixo temático estão as falas de Mirian voltadas principalmente para a variedade de clientes e como estas afetam a trabalhadora.

A diversidade cultural dos clientes com os quais Mirian lida afeta de múltiplas formas seu trabalho. Por exemplo, tratando-se de metas de ganho, a modelo organiza-se para receber um valor semanal. No entanto, “*o aplicativo que eu estou é árabe e Abril é o mês do Ramadã, é um mês religioso, é sagrado e 80% do aplicativo é árabe. Então, esses homens não estão no aplicativo no mês de Abril porque é sagrado e eles não podem se masturbar.*” Por vezes, Mirian só consegue atingir o valor necessário no final do mês, mas sempre mantendo as metas das contas “fixas” e “variáveis”, as primeiras são contas como plano de saúde e terapia e as “variáveis”, incluem por exemplo a academia, o restante do valor ganho é para “gastos extras” ou para guardar.

As diferenças entre os clientes é percebida e destacada: “***é muito peculiar, você descobre muitos sotaques. Fica muito fácil reconhecer um cara indiano, um paquistanês, um libanês. É um experimento social que se torna muito interessante quando você está lá dentro***”. Quanto às demandas de cada cliente, ela aponta:

Metade do meu público gosta só de conversar e a outra metade gosta mais de uma putaria. (...) Geralmente o público estadunidense, britânico e australiano, eles são bem sexuais, eu nunca parei para conversar com um estadunidense, (...) britânico, australiano.... mas brasileiro, indiano, japonês, chinês, eles curtem muito mais conversar. Quando eu estava no Privê (clientes brasileiros) era mais fácil, os caras gostavam muito de bater papo. Quando eu passei um tempo no Webcam Models, que é um site americano, era muito raro ter algum tipo de conversa (...). Os brasileiros gostam de falar de tudo que você possa imaginar, de si, do trabalho... (...). Às vezes faço chats que são só exibicionistas, isso é interessante porque eles não querem que você se toque, eles só querem ver você.

Para além das questões já apontadas como a língua e os diferentes perfis dos clientes, Mirian conta da diversidade de repertório de assuntos que se torna necessário para o trabalho:

Metade do tempo eu estou louca e na outra metade do tempo eu estou feliz. Eu não acho que é complicado, não posso dizer que é um trabalho difícil, mas é cansativo, porque você está lidando com gente, com pessoas que são muito diferentes e com exigências, você tem que entender essas pessoas e chega em um ponto que cansa. Eu tenho que conhecer uma pessoa de novo todos os dias (...). A pessoa é diferente, gosta de coisas diferentes, quer falar de coisas diferentes. Se você não tem um repertório muito grande sobre muitos assuntos fica muito complicado. Eu tive que, por exemplo, aumentar meu repertório de leitura, de estudo, de séries, filmes, novelas, programas de TV, você tem que aumentar muita coisa porque essas diferentes pessoas querem ter um assunto em comum contigo. Eu tive que aprender astrofísica, foi bem complicado.

Mirian também fala do exercício diário de criatividade necessário nesse serviço que gera cansaço e desgaste:

Cansa porque você tem que criar conteúdo o tempo inteiro (...). Chega um período que fica cansativo porque desgasta muito da criatividade, você gasta seu tempo para estudar mais, estudar a plataforma, para estudar coisas novas e cansa. Não acho que seja necessariamente difícil, pelo menos para mim porque sempre estive muito acostumada a lidar com pessoas (...) Mas fica cansativo, até que eu e a maioria das minhas colegas Cams a gente chega no fim do dia olhando pra caminha e pensando “eu preciso de você”.

Nesse contexto das dificuldades, Mirian também fala da rede de apoio:

*Tenho uma rede de apoio, antes eu não tinha, eu conhecia uma ou outra Cam Model e foi quando criei o Instagram porque eu **estava me sentindo muito sozinha e precisava do contato com outras meninas** e foi quando ele se expandiu. Eu tenho um grupo com duas amigas que são as mais próximas e participo de outros grupos com outras mulheres em que a gente vai se ajudando e criando essas redes e meio que **nenhuma fica sozinha por muito tempo**.*

A trabalhadora relata então a diversidade dos clientes que acaba envolvendo diferentes culturas. Esse aspecto proporciona um “*experimento social*” e uma diversidade de demandas. Além disso, Mirian conta do desgaste provocado pelo trabalho, principalmente pela variedade de clientes e suas especificidades de assuntos e gostos.

4.2.3.3 “ESPONJA DE DOR DOS OUTROS”: OS DESABAFOS E AS EXIGÊNCIAS

Como foi apontado na introdução desta pesquisa, bem como nas falas das entrevistadas apresentadas anteriormente e nas de Mirian, o *camming* envolve *lives* de cunho sexual, mas não apenas. Os encontros entre trabalhadoras e clientes são regados de conversas que podem envolver desabafos, sentimentos, sofrimentos, desejos reprimidos, dentre outras questões levadas pelos clientes para as *camgirls*. Mirian diferencia as *lives* entre aquelas que envolvem “*mais putaria*” daquelas que envolvem “*mais conversa*”, como apontou o eixo temático anterior. No entanto, o enfoque da “*esponja de dor dos outros*” está no sentimento da trabalhadora frente às *lives* destinadas mais para a conversação entre ela e os clientes. Neste eixo encontram-se também os relatos de como Mirian passou a estabelecer limites no trabalho e quais os maiores desafios no *camming* para ela.

Mirian diz:

Tem dia que eu to super afim de conversar e tem dia que a possibilidade do cara chegar na minha sala para desabafar me deixa louca. (...) Eu gosto muito mais de conhecer a pessoa antes de rolar alguma coisa, pelo menos os melhores chats que eu tive tinham esse processo, você conversa até que chega no sexual e eu sempre gostei muito desse, mas chegou um momento em que esse se tornou mentalmente cansativo.

Mirian conta como a morte de uma artista brasileira famosa, que gerou comoção nacional, afetou seu trabalho:

Teve um período no Privê que eu cheguei a passar 5, 6 dias seguidos sem nada sexual em que eu virei uma esponja de dor de outras pessoas. Foi na semana após a morte da Marília Mendonça, (...) eu fiquei atendendo caras que estavam péssimos. Eu também estava péssima porque eu também sou fã da Marília, então

eu passava 4/6h cuidando dessas pessoas e acolhendo. Isso se tornou mentalmente exaustivo e foi aí que passei a me dedicar a sites americanos porque não tinha tanta pressão para conversar. Foi um período que tanta gente ficou mal que vinham, falando da morte, falando de outras coisas (...). E eu pensava “acredite, eu também tô mal”, mas eu estava lá sorrindo e eu estava péssima, chorei a semana toda, mas “estou sorrindo para você porque você precisa do meu acolhimento”.

Sendo assim, para equilibrar as demandas dos clientes, Mirian passou a diversificar a nacionalidade do aplicativo que trabalhava, mas esta não foi a única forma que encontrou para lidar com essa questão:

Hoje em dia eu tento equilibrar porque quando eu entro em uma sala e não estou afim de ter um diálogo (...) digo “(...) hoje estou afim só de me exibir ou só de ver você”. Acabei tendo um desgaste emocional muito grande que ainda tô me recuperando, hoje em dia é inviável eu passar 4h com uma pessoa batendo papo, não tenho mais cérebro pra isso. Mas gosto daqueles chats que a gente bate papo, se conhece e depois rola alguma coisa.

Com a experiência de trabalho e vivências como a descrita anteriormente, Mirian passou a colocar limites tanto no *camming*, como fora dele. Na fala seguinte, a trabalhadora diz como atender determinados homens, fez com que ela se tornasse “*mais exigente*” em suas relações amorosas fora do trabalho:

Eu não me sinto confortável com certos tipos de cara que dão em cima de mim porque eu lido com esse tipo de cara todos os dias. O cara já vem com algumas frases, termos e penso “sei exatamente o seu tipo e eu não quero”. Foi muito bom para colocar limites, eu não sabia dizer não, eu fazia tudo que as pessoas queriam que eu fizesse porque eu achava que eu precisava.

Mirian conta que esses “nãos” que passou a dizer também estão na esfera da família e da faculdade, ou seja, extrapolam o trabalho, mas também estão nele:

Eu digo muito “não” no trabalho. No Câmera Privê é proibido algum tipo de fetiche com chuva dourada, qualquer coisa relacionada à fezes ou à menstruação. (...) Eu já conseguia dizer “não quero fazer isso, não é uma coisa que me deixa confortável” (...), mesmo que eu saiba que aquilo vai me render muito (dinheiro). Teve um caso (...) que o cara me ofereceu 100 US\$ para (...) escatologia, eu falo (...) “eu não consigo, não é algo que eu vou fazer”.

A trabalhadora aponta que o maior desafio do *camming* para ela é “*lidar com gente*”:

*Estou em um aplicativo que os caras gastam muito dinheiro mas eles **também são muito exigentes**. Eu tenho um suporte³¹, por exemplo, que ele **não me deixa usar batom vermelho, eu gosto de usar batom vermelho, mas ele acha vulgar**. Ele chega e fala “olha, quando você usa batom vermelho eu não vou te dar nada”, então eu sempre tenho que estar usando batom rosa ou batom roxo **porque o valor que ele me dá é muito importante**, o cara gasta muito dinheiro ali, **mas eles são extremamente exigentes é difícil lidar com esse tipo de gente, você acaba não tendo autonomia**.*

Quanto a ter que lidar com clientes como este citado acima, mas que paga muito bem, Mirian diz sobre a situação brasileira atual: *“**tá difícil para a maioria das pessoas, a gente está numa crise econômica, os sites estão superlotados (de modelos), é muito difícil encontrar um site que não está supersaturado e daí eu sei que fica um pouco mais difícil financeiramente falando.**”*

Ainda que tenha apontado que o maior desafio do trabalho é lidar com as pessoas, Mirian afirma que, mais do que lidar com pessoas, o desafio é lidar com o preconceito: *“**acho que a parte mais foda mesmo é lidar com o preconceito e as pessoas olhando como se, só porque eu sou uma trabalhadora sexual, eu fosse automaticamente burra**”. Sendo assim, um dos objetivos de Mirian é “trazer informações para o pessoal sobre o assunto, porque **eu vejo tanto uma demonização do camming, quanto a romantização (...) eu quero encontrar um equilíbrio nesse meio, (...) dizendo “olha, temos os nossos problemas, mas não é tanto quanto vocês falam”**”.*

Sendo assim, Mirian compartilhou aspectos muito densos de seu trabalho, como lidar com as demandas emocionais dos clientes, assim como outras demandas que envolvem seu corpo e autonomia. Assim como abordou os limites que têm colocado em diferentes âmbitos de sua vida, dentro do possível. Ademais, expressou o quanto o preconceito é um fator importante ao trabalhar no *camming* e seu objetivo ao levar informações para as pessoas.

4.2.3.4 RECLAMOU? DANÇOU: O BOICOTE DAQUELAS QUE QUESTIONAM O SITE DE TRABALHO

Nesse eixo temático estão as expressões de Mirian quanto a suas vivências com a plataforma de trabalho e de outras mulheres sobre as quais ela ficou sabendo ou acompanhou.

Uma característica dos sites de *camming* apontados não somente por Mirian, mas também pelas outras entrevistadas, diz respeito às regras impostas pela plataforma de

³¹ “é o cara que aparece todos os dias para ver alguém”, como um cliente fixo.

trabalho. Regras estas que podem proibir a realização de determinados *fetiches*, como foi exposto por Mirian anteriormente. Quanto a este tipo de regra, Mirian achou positivo no início de seu trabalho, pois o site colocou limites na interação *camgirl*-cliente que ela imagina que não teria colocado sozinha, como a proibição de determinados fetiches. Mas existem também outras regras no contrato, que também foram mencionadas anteriormente, no site *Câmera Privê*, por exemplo, a não permissão de passar contato pessoal ou indicar outro meio de trabalho (e.g. *Skype*), sendo a *camgirl* sujeita a punição ou até mesmo banimento do site. Mas Mirian diz sobre formas de contornar isso:

O Twitter sempre foi uma forma de divulgar porque sempre fiquei com 100% do valor, então quando o cara me conhecia pelo Twitter e perguntava “você faz live por algum site?”, eu respondia que “não”, apenas pelo Telegram ou pelo Skype. O Câmera Privê te impede de passar contato dentro do site, mas se o cara te conheceu fora, ele (site) que lute.

Existem também, outras “regras de convivência”, sobre as quais Mirian relata:

No aplicativo que eu estou é proibido usar lingerie na sala principal, nem top de academia pode, já vi menina ser banida por isso, sei que é uma regra que tenho que seguir, não estou 100% livre, mas eu tenho autonomia de decidir ir para outro site (...) Estou em casa, estou segura, eu não diria “sou minha própria chefe”, mas tenho mais autonomia do que se eu tivesse em uma empresa.

Mirian contou de sua experiência de trabalho no site *Câmera Privê* e ressalta que gostava do público do site: “*eu conheci pessoas lá que eu falo tranquilamente que eu as amo*”.

A modelo compartilhou que, no período que estava no *Privê*, as trabalhadoras que eram exclusivas do site, quando completavam 6 meses de trabalho, poderiam solicitar um aumento da taxa de ganho que passaria de 50% para 65% (o site ficaria com 35% do ganho da trabalhadora), no entanto, na prática, as coisas eram muito mais delicadas. Mirian relata como foi fazer a solicitação para essa mudança na taxa:

Eu tive um crescimento meteórico no Privê financeiramente falando (...) Quando eu mandei mandei mensagem pro meu gerente³² e eu falei sobre o assunto, eu fui pessoalmente muito ofendida por ele, ele me chamou de burra, e irresponsável (...) que eu tinha que aprender a obedecer, foi um momento que foi muito constrangedor para mim porque, em teoria, o gerente está ali para te ajudar. E meu gerente sempre foi péssimo para mim. (...) E eu falei que conhecia meninas que tinham conseguido aumento de taxa, conheço algumas que tinham até 70% de taxa. (...) Eu sei basicamente que quem tem um gerente homem sempre se ferra

³² Para uma melhor descrição sobre o que é um gerente, ver página 11

mais. (...) Nunca vi reclamarem assim de nenhuma mulher, mas dos gerentes homens, reclamam bastante.

Ter vivido essa situação levou Mirian a solicitar a mudança de gerente para a plataforma, mas conta que foi novamente destrutada: “*eu pensei “eu to em um site que literalmente me tratou feito um bicho” e “depois que reclamei (...) o meu engajamento no site caiu 20% do que era antes”*”. E o caso de Mirian não era isolado:

“foi basicamente um boicote sistemático do site que eles já tinham feito com outras meninas e daí o engajamento caiu, o dinheiro caiu. (...) Eu conversei com outras meninas na época que também tiveram o engajamento derrubado quando elas falaram que queriam esse aumento ou trocar de gerente.

Miran compartilhou também as situações vividas por outras *camgirls*, as quais acompanhou suas histórias. Contou de como Julia, apoiando outra camgirl, Patrícia³³, saiu prejudicada:

*Conheço meninas que foram expulsas. Uns anos atrás ela (Patrícia) era uma das mais famosas do Câmera Privê e o site usou fotos e vídeos da Patrícia sem pedir a opinião dela, tipo em (...) site pornô grande como X-Vídeos. A Patrícia processou o site e a Julia sempre (...) apoiou tudo que ela dizia (...). O Câmera Privê tem meio que uma "blacklist" de modelos que eles **estão só esperando o primeiro deslize para banir.***

Mirian relatou a razão de ter deixado um dos sites mais famosos da América Latina no *camming*, uma vez que sentiu-se desrespeitada e tratada “*feito um bicho*” por parte daqueles que deveriam ajudá-la no trabalho. Ademais, a informação de que existem gerentes homens para *camgirls*, por alguma razão, surpreendeu a pesquisadora. A frase “*eu sei basicamente que quem tem um gerente homem sempre se ferra mais*”, aponta para o machismo vivenciado no site, sendo apenas um dos diversos exemplos que poderiam ser usados para escancarar uma sociedade patriarcal.

³³ nomes fictícios

5. DISCUSSÃO

É de grande importância ressaltar que, apesar das reflexões aqui propostas emergirem a partir das falas das entrevistadas, tais reflexões críticas não tem por objetivo culpabilizar, individualizar ou responsabilizar as trabalhadoras por questões estruturais e intrínsecas ao sistema vigente, patriarcal, capitalista, etc. A pesquisadora não questiona de nenhuma forma a veracidade das informações trazidas pelas trabalhadoras e se esforça para retirar-se de uma posição de “mais saber”, típico de pesquisas acadêmicas. Propõe-se nessa discussão, portanto, questionamentos e reflexões e não a busca por respostas ou verdades absolutas.

Apesar da facilidade de encontrar *camgirls online* nos sites de trabalho, marcar uma entrevista *online* foi distante e difícil. Uma das entrevistadas apontou o receio por parte delas por não saberem o que seria perguntado na entrevista e o que seria feito com essas informações. Não ficou claro se esse medo envolvia a possibilidade de descobrirem sua identidade ou se poderiam ser prejudicadas no site de trabalho. No entanto, ao longo da divulgação da pesquisa sempre foi demonstrado o compromisso com o sigilo da identidade das *camgirls*. Sendo assim, a explicação dada pela trabalhadora não responde sobre a dificuldade de entrar em contato com a maioria daquelas que demonstraram interesse em participar.

5.1 AS VIVÊNCIAS E O IMPACTO DO TRABALHO NA VIDA DAS *CAMGIRLS*

Percebe-se que a vida de cada trabalhadora é impactada diferentemente pelo trabalho, seja financeiramente, emocionalmente, ou até afetando sua rotina. No entanto, algumas das vivências e relatos trazidos pelas trabalhadoras assemelham-se. Sendo assim, apesar das individualidades, destacam-se temáticas comuns. Uma dessas temáticas é a localização do trabalho das *camgirls* no terreno do acolhimento, da escuta do sofrimento do outro e da companhia. Ficou evidente que o serviço não se restringe a isso, mas essas características acabam marcando fortemente o trabalho delas. A conversação como um componente central no *camming* já havia sido mencionada em pesquisas anteriores, como as de Caminhas (2020) e de Ramos (2021). Desenvolver habilidades emocionais para tal, além de empatia e dar bons conselhos é relevante para ser uma *camgirl* de sucesso (RAMOS, 2021). Sendo assim, o *WEC* não pode ser definido apenas por *lives* de cunho exclusivamente sexual. Percebeu-se que as angústias e desabafos trazidos pelos clientes, estão sim situados no campo da sexualidade, mas não somente.

As expressões “cansaço”, “desgaste” e “energia drenada”, foram usadas pelas trabalhadoras ao falarem sobre como é ter que lidar com a variedade de clientes e demandas. As três entrevistadas, cada uma à sua maneira, disseram sobre o impacto de ter que se colocar no lugar de compreensão sobre a diversidade humana, incluindo os diferentes fetiches e solicitações. Assim, em uma sociedade regada a julgamentos, preconceitos e discriminação, em partes, as *camgirls* são pagas por não julgarem e discriminarem seus clientes. Mas, ao mesmo tempo, nesta mesma sociedade, elas são alvo de julgamentos, preconceitos e discriminação, inclusive por parte dos clientes. Fazendo um paralelo com profissionais da psicologia, cujo trabalho envolve, dentre outros fatores, a escuta não-punitiva, o acolhimento, o não julgamento etc, há, no caso destes profissionais, um preparo para lidar com questões humanas. Psicólogas devem sempre fazer supervisão, além de que é recomendado que estejam fazendo psicoterapia, discutindo com outros profissionais do ramo etc. Agora, as *camgirls* estão diariamente lidando com diversas demandas sem esse preparo, apoio e amparo. Quais são os impactos na saúde mental dessas trabalhadoras? Será que os *camboys* lidam com essas mesmas questões? Ou estamos diante de uma das características do patriarcado na qual mulheres sempre ocupam local/profissões e papéis de cuidado, carinho, etc, até mesmo tratando-se do mercado sexual?

Quanto ao preconceito social sofrido por *camgirls*, este aparenta ter um impacto significativo na vida das trabalhadoras. Tratando-se de um trabalho do mercado sexual e, portanto, um *tabu*, o sentimento que parece rondar as trabalhadoras é o medo. Este medo é expresso no risco de ter a imagem atrelada a esse serviço. Apesar de cada uma das trabalhadoras lidar diferentemente com sua imagem, sendo esta pública ou não, as três apontaram a cautela/os cuidados com a identidade. Esse aspecto do trabalho torna-se evidente se considerarmos o grupo restrito de pessoas próximas às trabalhadoras que sabem de seu ofício. Assim como Barreto (2008) e Grant (2021) apontam que o estigma e a violência contra profissionais do sexo podem ser mais danosos que o trabalho em si, uma das entrevistadas nomeia como principal desafio no *camming*, o preconceito. Preconceitos são baseados em pré-concepções e no caso das *camgirls*, algumas destas concepções citadas foram de que elas seriam burras por estarem no mercado sexual ou que são mulheres “usáveis”. Além de expressarem o preconceito sofrido por terem este trabalho como fonte de renda. Quanto a isto, remete-se a fala de Prada (2018), prostituta e ativista: “*é como se as pessoas quisessem nos punir por, em vez de nos dedicarmos a trabalhos tão precários quanto e de remuneração pior, termos encontrado uma espécie de atalho (...)*” (p.64).

As entrevistadas atrelaram diversas vezes a palavra “segurança” ao trabalho, por vezes apresentada como um sentimento. Este foi mencionado principalmente em razão *camming* ser um trabalho realizado dentro de casa. Os relatos das modelos revelam que, fora do ambiente doméstico, as trabalhadoras sofreram ou estiveram suscetíveis a sofrer diversas violências, mesmo em outros trabalhos não relacionados ao mercado do sexo. Sendo assim, fica evidente que as mulheres estão tão sujeitas a violências diárias nas ruas, que poder trabalhar de dentro de casa gera um sentimento de segurança. Concomitantemente, corroborar com a ideia de que estar em casa é melhor para as mulheres é deveras perigoso, tendo em vista a naturalização das mulheres neste espaço. Como aponta Dobson (2008), cabe a reflexão do quanto o *camming* pode reforçar a naturalização do espaço doméstico como um espaço de/para mulheres. E as violências sofridas no próprio *camming*? Por que estas parecem ser minimizadas em comparação a outras violências que as modelos já sofreram fora dessa atividade? Entretanto, não se minimiza o sentimento de segurança apontado pelas *camgirls*. Uma das razões apontadas por se sentirem assim é estarem fisicamente distantes de seus clientes, elas não os encontram e nem são tocadas por eles, além deles não saberem onde elas moram. A relação exclusivamente online aponta que no *camming* “é comercializada uma ilusão de intimidade” (RAMOS, 2021, p.166, tradução livre). Assim, se compararmos o trabalho no *camming* com outros do mercado sexual e com a própria indústria pornográfica, as trabalhadoras estão mais protegidas (Bleakley, 2014) de violências físicas, mas reforçando: estão “apenas” fisicamente mais protegidas.

Outra faceta do trabalho no *camming* pode ser discutida a partir das perguntas: o que está sendo vendido? E quem está consumindo o que está sendo vendido? Barreto (2008) em uma pesquisa com profissionais do sexo de rua, aponta que as trabalhadoras diziam não vender o corpo, mas fantasias sexuais. Assim, se o que está sendo vendido no WEB são fantasias sexuais, ou até mesmo acolhimento e escuta, como mencionado anteriormente, o cerne da questão é: quem paga, tem o controle. Fazendo um paralelo com outros ramos de compra e venda, comumente escuta-se “o cliente sempre tem razão”. Esse aspecto parece atingir significativamente o trabalho das *camgirls*. As trabalhadoras falaram sobre limites que estabelecem no *camming*, bem como sobre a autonomia de seus corpos e sobre as práticas durante os *chats*. Pontuaram que não é necessário fazer nada que não se deseja. No entanto, direta ou indiretamente, as três também expressaram situações nas quais comportaram-se de forma que não gostariam. Entretanto, tais situações aparentemente foram financeiramente compensatórias. Assim, as contradições presentificam-se no *camming* e ficam evidentes nas

falas das trabalhadoras. Deste modo, vivenciar determinadas situações no trabalho, ou até mesmo características intrínsecas do trabalho no mercado sexual, levam as trabalhadoras a desenvolverem estratégias para lidar com o *camming*. Como, por exemplo, buscar a separação entre vida pessoal e trabalho. Nesse contexto também, vale ressaltar que duas das três entrevistadas relataram fazer psicoterapia. Se, no trabalho, as modelos por vezes não podem dizer o que realmente gostariam ou expressar o que estão sentindo de verdade, existir relações e espaços nos quais as trabalhadoras possam expressar-se livremente, sem julgamentos, parece ser fundamental. Esse espaço pode ser a terapia, como também grupos com outras *camgirls*, etc. E isto não deveria ser responsabilidade exclusiva da trabalhadora, por que os sites de trabalho não oferecem ajuda psicológica? Por que não incentivam que as modelos se unam? Conheçam umas às outras? São perguntas retóricas, não há dúvidas que não existe interesse por parte dos sites em promover saúde para as trabalhadoras. Como pontuou a *camgirl* Alice: *“quem iria querer saber o que se passa com uma Camgirl? (...) Existe um tabu muito grande sobre nosso cuidado psicológico e você está entrando assim em um meio que ninguém quer saber mesmo”*.

A ideia de liberdade apareceu nas falas das entrevistadas de forma direta ou indireta. Uma parte desta "liberdade" diz respeito ao ganho financeiro com o serviço, outra parte diz sobre as características desse trabalho *uberizado*, que será melhor discutido adiante, mas identifica-se também, a ideia de liberdade na confiança consigo mesma, com a aparência, com a auto estima e com o próprio prazer, etc. Como as trabalhadoras apontam, busca-se como "ideal" nesse trabalho, que não se promova prazer apenas para o cliente, mas também para si própria, "tocar-se" foi citado como relevante para as trabalhadoras. Sem dúvida, em uma sociedade na qual o prazer feminino, a masturbação e o orgasmo são renegados, é importante considerar o que as *camgirls* estão expressando quanto a isso. Mas, para além disso, pode existir também a satisfação com o olhar desejante de outrem. Zanello (2018) aponta como a subjetividade das mulheres na nossa sociedade é constituída a partir do olhar masculino. A aprovação e a "validação" vem através do olhar desejante de um homem. Nesta aprovação o "ideal de beleza" entra como um fator importante e com características específicas: as mulheres devem ser jovens, brancas, com o corpo dentro do padrão e com poder aquisitivo suficiente para "cuidarem-se" em salões de beleza, maquiar-se, etc. No entanto, quando falamos das mulheres negras, como é o caso de uma das entrevistadas, a experiência histórica e o percurso de opressão difere-se das demais. Como descreve Carneiro (2020), as condições históricas nas Américas que coisificaram o corpo negro, principalmente, o da mulher negra,

são conhecidas, bem como a apropriação social no contexto de conquista e dominação colonizadoras.

Apesar das trabalhadoras falarem de elogios, de reconhecimento e de boas avaliações como retornos positivos do trabalho no *camming*, aparentemente, o retorno mais mencionado e mais importante é o monetário. O dinheiro é uma peça central no trabalho das *camgirls*. Bom, em um sistema capitalista neoliberal, é a peça central da sociedade como um todo. No entanto, refere-se neste contexto, a um trabalho cujo minuto trabalhado é muito mais valorizado que diversos outros trabalhos assalariados. Esta característica do *camming* é a mais chamativa para entrada no ramo. As trabalhadoras mencionaram como razão para iniciar no *camming*, ganhar um “*dinheiro extra*” ou até mesmo o dinheiro mínimo para as despesas diárias.

Sendo assim, para a surpresa da pesquisadora, o *camming* parece abarcar muito mais que “apenas” *lives* de cunho sexual. É um trabalho que parece demandar, para além da realização de fantasias sexuais, uma postura de ouvinte, de acolhimento e de conversação por parte das *camgirls*. Estas precisam atualizar-se em assuntos diversos, bem como dominar outras línguas para além do português, se possível. Ademais, as trabalhadoras lidam com o preconceito sofrido pela sociedade de uma forma geral, como dos próprios clientes, e desdobram-se para lidar com a preservação de sua identidade. No entanto, as trabalhadoras consideram ter vantagens significativas em sua atividade, como a segurança, o próprio prazer e, o mais importante, o ganho financeiro, sendo que estes aspectos suscitam reflexões e questionamentos. O impacto e a consequência na saúde mental das trabalhadoras é algo que gera preocupação e, para duas das entrevistadas, a terapia parece ser uma aliada. Para além do citado, no *camming* há uma reprodução dos padrões estéticos e de gênero, dentre outros fatores do patriarcado que, por vezes, levam as próprias trabalhadoras a questionarem “*será que estou indo contra meus ideais?*”.

5.2 CAMMING, UM TRABALHO UBERIZADO

Apesar de ter sua grande representação na empresa Uber, a *uberização* do trabalho vai muito além desta. É uma organização na qual o controle e subordinação do trabalhador ocorre de forma que este mesmo passa a ser o responsável por prover os meios para exercer seu trabalho. Trabalha sem vínculos empregatícios, sem direitos trabalhistas e de maneira informal, através de plataformas mantidas por grandes empresas. O fenômeno da *uberização*

possui diversas características, dentre as quais está a noção de empreendedorismo, bem como a responsabilização do trabalhador pela gestão e engajamento no trabalho, somada a solidão do trabalhador. Nesse cenário, boas avaliações, notas e elogios de clientes, somado ao ranqueamento nas plataformas, são fundamentais (ABÍLIO, 2020). Além disso, no trabalho *uberizado*, o tempo de trabalho considerado é apenas aquele no qual o trabalhador está ganhando dinheiro. No caso dos *motoristas de aplicativos*, ganha-se apenas o valor da corrida, mas qualquer outro tempo dedicado à plataforma ou à espera entre uma corrida e outra, não é considerado como tempo de trabalho. Ademais, a idade dos trabalhadores também demarca parte desse fenômeno e a “juvenilização” passa a ser sinônimo de precarização do trabalho (ABÍLIO, 2019).

As *camgirls*, mulheres majoritariamente jovens³⁴, estão inseridas em uma junção entre patriarcado e a alta taxa de desemprego juvenil³⁵. Quanto ao primeiro, como mencionado anteriormente, faz parte do pacote do sexismo a valorização exclusiva do corpo de mulheres jovens. Já no segundo, a atuação tipicamente juvenil nos trabalhos *uberizados* situa-se em um cenário de crise econômica, desemprego e dificuldade na inserção no mundo do trabalho. As trabalhadoras entrevistadas começaram no *camming* durante a pandemia de COVID-19, cujos impactos sociais, econômicos e emocionais foram alarmantes. Como citado na introdução da pesquisa, houve um aumento exponencial de clientes e modelos inscritas em sites especializados em *camming* neste período pandêmico. Atualmente, as modelos encontram uma “fila de espera” para se cadastrar em plataformas como o *Câmera Privê*.³⁶ Sendo assim, não se pode ignorar o contexto político do país ao falar da entrada das trabalhadoras no *camming*.

Milhares de *camgirls* subordinam-se a determinada plataforma de trabalho, que não as contrata de fato. Trabalham, assim como qualquer outro trabalhador *uberizado*, sem direitos, sem garantias e sem seguranças. Podendo ser boicotadas, banidas, bloqueadas ou colocadas na “*blacklist*”³⁷ sem nenhum respaldo. Além de ficarem à mercê das avaliações dos clientes e de um bom engajamento para destacarem-se no *site*. Neste, existem regras as quais as trabalhadoras não participaram da criação, mas que devem seguir se quiserem permanecer ali.

³⁴ Usando como referência para essa afirmação a idade das três entrevistadas na pesquisa e das demais pesquisas citadas neste trabalho, como Jones (2015) e Caminhas (2020).

³⁵ Há seis anos no Brasil a taxa de desemprego juvenil está acima de 20%. Esse cenário é ainda pior para mulheres com pouca qualificação.

(<https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/03/30/taxa-de-desemprego-entre-os-mais-jovens-esta-acima-de-20percent-desde-2016.ghtml>)

³⁶ A pesquisadora soube dessa informação acompanhando um grupo privado de *Camgirls* no Facebook

³⁷ Referência à expressão usada por uma das entrevistadas (*camgirl* Mirian)

Claro que algumas arranjam formas de transgredir essas regras, como citado por uma das entrevistadas, mas os sites criarão cada vez mais formas de averiguar se as regras estão sendo seguidas.

É possível traçar paralelos entre *camgirls* e o trabalho dos motoristas da *Uber* ou demais serviços neste enquadre. Nota-se que são apenas paralelos, não se propõe a hierarquização ou comparação direta entre estes trabalhos, que apresentam suas significativas diferenças. As modelos podem não gastar com carro, como é o caso dos motoristas de aplicativo ou com a bicicleta, como os entregadores, nem com a manutenção destes, mas precisam de aparelhos eletrônicos para as *lives* (celular e computador foram citados pelas modelos), que também dependem de investimento e manutenção. Ademais, as *camgirls* precisam manter o mais preparada e “apresentável” possível sua principal ferramenta de trabalho: seu corpo - no sentido mais amplo e abrangente que esta palavra pode representar. O aspecto físico do corpo, por vezes vestido com roupas específicas, *lingeries*, máscaras, biquínis, bem como cabelos arrumados, maquiagem, poses elaboradas e pensadas, etc. Assim como seu aspecto emocional, já descrito anteriormente, o envolvimento nas conversas, na escuta, no acolhimento. Somado a isto, como as trabalhadoras evidenciaram nas entrevistas, é necessário realizar muito mais do que *lives/chats* com os clientes para ser uma *camgirl* de sucesso. Elas mencionaram o tempo dedicado às pesquisas, do funcionamento das plataformas de trabalho, do mercado do *camming*, além de desenvolver métodos de trabalho e estudo de assuntos que interessam aos clientes. Isto somado a diferenciais importantes, como falar inglês e outras línguas. Ademais, esperam sem receber nos *chats públicos*³⁸, por clientes que queiram pagar. Assim como os motoristas de aplicativo apenas recebem pelas corridas, as *camgirls* recebem apenas pelas *lives*. No entanto, no caso das modelos, a plataforma sai como “boazinha”, porque “oferece a oportunidade” de “*faturar ainda mais vendendo vídeos, outros conteúdos e ganhar dinheiro mesmo não estando online*”³⁹. Sendo que, nesta venda *offline*, está envolvida parte significativa do engajamento das trabalhadoras. É como uma bola de neve.

Castro (2020), em seu trabalho de mestrado “*As ilusões da uberização: um estudo à luz da experiência de motoristas Uber*”, apresenta falas de motoristas que evidenciam o lado positivo de não ter um patrão e esta vantagem apresentada por eles, por vezes, acompanha o relato de um passado, no qual a relação com o patrão não era boa. As três modelos

³⁸ Gratuitos que funcionam como vitrine.

³⁹ Trecho retirado do site Câmera Privê

entrevistadas na presente pesquisa, apontaram como uma das vantagens do *camming* não ter um patrão. Somada à ausência da presença física de alguém que controla o trabalhador, está a valorização da flexibilização do horário de trabalho. As trabalhadoras contaram como elas mesmas definem seu horário de trabalho, sendo este organizado a partir de outras atividades do seu dia ou até mesmo *“trabalho quando me dá vontade”*. O que Castro (2020) aponta é que o discurso dos trabalhadores *uberizados* é aquele passado pela própria empresa para a qual trabalham. No *Câmera Privê*, na *“área da modelo”*, encontra-se a frase: *“Você faz o seu horário! Tenha mais **qualidade de vida e tire férias quando quiser, sem chefe e sem estresse ou sem qualquer tipo de pressão** para você se preocupar (...). No Câmera Privê, você tem a **liberdade de controlar sua rotina e pode conquistar ganhos que chegam até 30 mil reais por mês**”*. No cenário da precarização do trabalho, do desemprego e da noção liberal do trabalhador que é *“empreendedor-de-si”* (CASTRO, 2020), o discurso passado pelas empresas que lucram (e muito) com a exploração dos trabalhadores, encontra-se com as vivências, ideias e vontades dos trabalhadores. Retira-se o chefe. Retira-se a jornada de trabalho com horário definido por outrem. Mas, junto disso, retiram-se direitos trabalhistas. E cada vez mais a precarização do trabalho se torna uma realidade. Ademais, como aponta Abílio (2020), este gerenciamento que fica na mão do trabalhador é enganoso. A figura de controle, antes externa, está internalizada e para alcançar metas, depende-se *“exclusivamente da própria trabalhadora”*.

Os sites de *camming* falam da liberdade da trabalhadora e descrevem *“com orgulho”* que recebem milhões de clientes por dia, mas não evidenciam que também são milhares de modelos cadastradas que *“competem entre si”*. Afinal, se o cliente escolhe uma, não está escolhendo a outra. O site vende a ideia de ser um dinheiro fácil, mas uma das entrevistadas afirma *“nenhum dinheiro é fácil”*. Além disso, como descreve Jones (2016), o crescimento do trabalho sexual online pode estar vinculado a circunstância de que os trabalhadores estão mais adeptos aos ideais neoliberais. O fórum de *camgirls* pesquisado por ela era marcado pelo feminismo liberal. Assim, o que está posto é a noção burguesa de liberdade: *“liberdade para escolher este trabalho”*, *“liberdade para fazer o que quiser nas *lives*”*, *“liberdade para escolher os horários de trabalho”*, etc. Tratando-se de uma sociedade mantida pela ideologia⁴⁰ burguesa, a *“liberdade”*, dentre outros jargões, como *“o trabalho dignifica o homem”*, ocultam a realidade histórico-cultural e fatores como adoecimentos e sofrimentos advindos do

⁴⁰A ideologia é um instrumento de dominação, este é extremamente difícil de ser removido por ocultar a dominação das classes dominantes (CHAUI, 2008).

trabalho, que são ignorados (CHAUÍ, 2008). Sendo assim, como atenta Dobson (2008), não se deve cair em simplismos quando aborda-se o *camming*, ou seja, evitar reduzir este a discursos individualistas e acríticos voltados para “*escolha pessoal*” e “*liberdade*”.

Ao falar do *Câmera Privê*, a taxa de 50% mantida pelo site raramente era mencionada pelas trabalhadoras sem que antes fosse citada pela entrevistadora. O site citado fica com esta taxa, além da taxa sobre os presentes recebidos pelas trabalhadoras, além de que estas pagam para resgatar o dinheiro que receberam no site⁴¹. Foram poucas as críticas feitas pelas modelos às plataformas de trabalho, no entanto as diferentes vivências apontam as contradições. Mas, como explicitou uma das entrevistadas, paga-se um preço caro por criticar o site. Sendo assim, pode ser que não o tenham feito por medo das consequências. Será que uma quantidade significativa de *camgirls* não vê os lados negativos das plataformas? A trabalhadora que está há mais tempo no ramo e atuou em diferentes plataformas, pode tecer críticas aos sites que experienciou e contar como foi impactada emocionalmente pelo descaso de seu gerente com ela. Como seria ouvir essas trabalhadoras daqui alguns meses? Anos? Teriam mudado de opinião?

Assim, ao situar o *camming* no campo dos trabalhos *uberizados*, não se deve responsabilizar ou culpabilizar as trabalhadoras por “vestirem a camisa da empresa”, mas sim levantar as questões: Quem realmente está lucrando com o *camming*? Quem realmente ganha com a ausência de um chefe e horários definidos de trabalho? Quem lucra com o desgaste psicológico evidentemente vivenciado pelas trabalhadoras? Não se pretende afirmar aqui que as próprias trabalhadoras não fazem esses questionamentos. Como citado anteriormente, elas são milhares, são diversas e, portanto, refletem a sociedade na qual vivemos, cada uma da sua maneira. Como a *camgirl* Mirian pontuou “*eu vejo tanto uma demonização do camming, quanto a romantização (...) eu quero encontrar um equilíbrio nesse meio*”.

Assim, ouvir as trabalhadoras leva a questões sobre a própria demanda por trabalhos como o *camming*, considerando o crescimento exorbitante desse serviço. Por que “fantasias sexuais”, através de trabalhadoras, são vendidas na internet? Como estão sendo tratadas questões de sexualidade e gênero em um país marcado pelo conservadorismo, moralismo e pelo viés religioso? Como ampliar o debate do trabalho no *camming*, unindo este ao consumo de pornografia e a falta de educação sexual no Brasil? Quais são os *tabus* que os clientes podem conversar com as modelos, mas não podem conversar em outros ambientes? Nota-se,

⁴¹ “Tem uma tarifa que você paga para resgatar o dinheiro no site, agora tem dois tipos de resgate, um ele demora até um dia, se você pede agora, ele tem até amanhã, aí tem o a jato. Essa primeira custa 5 reais e o tem o “a jato” que cai na hora e custa 10 reais” (Camgirl Alice).

portanto, que o contato com as trabalhadoras suscitou diversos questionamentos, dos quais alguns estão expressos nesta pesquisa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *camming* está situado em um terreno de debates complexos, que envolvem gênero, raça, reflexões sobre o sistema neoliberal, *uberização* do trabalho e as consequências desta, etc. Ademais, o *camming* constitui-se, dentre outros elementos, pelas vivências, sentimentos, experiências e percepções das próprias trabalhadoras, as *camgirls*. Sendo assim, o objetivo deste trabalho era investigar o impacto do trabalho na vida das modelos de *webcam*, ouvindo-as e fazendo aproximações com os trabalhos *uberizados*. Não se propunha encontrar verdades absolutas, nem ditar ou generalizar a respeito do trabalho de uma *camgirl*, entendendo que as *camgirls* são diversas e as vivências das três entrevistadas não devem ser usadas para representar milhares de modelos que estão no ramo atualmente. No entanto, para a pesquisadora, ouvir Alice, Daniela e Mirian, somado aos estudos sobre a temática, levou a um amadurecimento e reformulação de ideias pré-concebidas. Sugerindo a importância de que mais pessoas saibam sobre a temática e escutem as trabalhadoras. Por vezes, a pesquisadora surpreendeu-se com as respostas dadas e, além de tudo, aprendeu com as *camgirls*. Ouvi-las foi diferente do que ler sobre elas e, a partir das entrevistas, foi possível refletir sobre os impactos do *camming* na vida delas, mas não somente isso. As entrevistas significaram um espaço para que elas fossem ouvidas.

Deparou-se com a dificuldade de conseguir realizar entrevistas, marcada por cancelamentos e sumiços, mas que provavelmente teriam sido menores se a pesquisadora estivesse mais próxima do dia a dia das trabalhadoras e com mais contato, inserindo-se ainda mais no universo do *camming*. Mas, como já foi pontuado, as três entrevistas realizadas foram muito ricas e a pesquisadora agradece fortemente a participação das trabalhadoras. Espera-se que as trabalhadoras tenham se sentido respeitadas e ouvidas, ademais, quando concluída, a pesquisa será enviada para as participantes. Ademais, aquelas que não concederam uma entrevista, mas responderam ao formulário, também contribuíram com a pesquisa como um todo. Considera-se que houve êxito no cumprimento dos objetivos da pesquisa, mas, trata-se de uma aproximação inicial, que impulsiona para novos encontros com o universo do *camming*. Em razão de ser um trabalho de conclusão de curso, com um período relativamente curto de pesquisa, dentre outras limitações, não foi possível acompanhar ainda mais as três

modelos. Seria muito rico ter entrevistas mais longas, com profundidade e durante mais tempo, podendo acompanhar as trabalhadoras a medida que elas fossem permanecendo no *camming*. Ou até mesmo a realização de uma pesquisa quantitativa, que pudesse caracterizar o perfil das *camgirls* no Brasil, dentre outras informações importantes para mapear este trabalho.

Ressalta-se a importância dessa temática, que ela entre cada vez mais na academia e, mais do que isso, na própria psicologia. Uma vez que parte das reflexões e frutos dessa pesquisa, são os possíveis impactos na saúde mental das trabalhadoras e a complexidade da atuação das *camgirls*, é possível (e necessário) pensar e promover o cuidado com as modelos, sendo esta uma responsabilidade da psicologia. Principalmente uma psicologia feminista, que se atente para não prender-se ao feminismo convencional, que não chega no mercado sexual *online* e, se chegar, corre o risco de ser na perspectiva do salvacionismo ou do discurso de ódio⁴².

Entrevistar *camgirls* mostrou o quanto são diversos os aspectos que poderiam ser discutidos e analisados a partir das vivências contadas por elas. Principalmente por uma perspectiva da psicologia que considera o social e o político, bem como o individual e o singular, entende estes elementos como constituintes, e inseparáveis, uns dos outros. Sugere-se para pesquisas futuras uma ampliação do perfil das trabalhadoras pesquisadas, incluindo pessoas transsexuais; homens que realizam *camming*, além de especificidades como *camgirls* que são mães; mulheres negras; mulheres fora do padrão de beleza, etc. Ademais, pesquisar a relação das *camgirls* com o corpo no ambiente de trabalho, tendo em vista o destaque deste ao exercerem sua atividade profissional. Outro viés possível é buscar investigar quem são as empresas por trás dos sites e aplicativos de *camming*. Quem está lucrando com isso? Como funcionam os outros serviços dentro dos sites? Como os gerentes e o suporte são contratados? Ou seja, são muitas as possibilidades futuras que se abrem com esta pesquisa.

⁴² Esta é uma adaptação de uma frase de Prada (2018) a respeito da relação do feminismo com prostitutas.

7. REFERÊNCIAS

- ABÍLIO, L. Uberização: a era do trabalhador just-in-time?. **Estudos avançados**, 34 (98), 2020, p. 111-126 doi: 10.1590/s0103-4014.2020.3498.008
- ABÍLIO, L. Uberização: Do empreendedorismo para o autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, 18(3), 15 de nov, 2019. <http://dx.doi.org/10.5027/psicoperspectivasvol18-issue3-fulltext-1674>
- AGUIAR, W.; OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. *Rev. Bras. Estud. Pedagog.*, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, Apr. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812013000100015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 13 Maio. 2022. <https://doi.org/10.1590/S2176-66812013000100015>.
- ALVIM, M; MACHADO, L. A vida secreta dos brasileiros que trabalham no 'Uber do pornô', **Folha de São Paulo**, 19 de out. de 2019. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2019/10/a-vida-secreta-dos-brasileiros-que-trabalham-no-uber-do-porno.shtml>
- ANDRADA, C. **Encontro da política com o trabalho: um estudo psicossocial sobre a autogestão a partir da experiência da UNIVENS**. Tese (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Departamento de Psicologia Social e do Trabalho. São Paulo, p. 267, 2005.
- ANTUNES, R. O mundo precarizado do trabalho e seus significados. **Cad. psicol. soc. trab.**, São Paulo, v. 2, p. 55-59, dez. 1999.
- ANTUNES, R. A sociedade dos adoecimentos no trabalho. Em: **O privilégio da servidão - o novo proletariado na era digital**. 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2018.
- ANTUNES, R; FILGUEIRAS, Vitor. Plataformas digitais, Uberização do trabalho e regulação no Capitalismo contemporâneo. **Contracampo**, Niterói, v. 39, n. 1, p. 27-43, abr./jul. 2020
- CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. Núcleo de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas da Universidade Católica de Pernambuco. 2020. http://www.unicap.br/neabi/?page_id=137
- BARRETO, L. Prostituição, gênero e sexualidade: hierarquias sociais e enfrentamentos no contexto de Belo Horizonte. Tese (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, p. 160, 2008.
- BATES, S. Revenge Porn and Mental Health. **Feminist Criminology**, v.12, n. 1, p. 22-42. 2016 doi: 10.1177 / 1557085116654565

BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 3 ed. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 2016.

BLEAKLEY, P. “500 tokens to go private”: Camgirls, cybersex and feminist entrepreneurship. In: **Sexuality & Culture**, v.8, n.4, p. 892-910, 2014.

BOTHE, B., TÓTH-KIRÁLY, I., GRIFFITHS, M. D., POTENZA, M. N., OROSZ, G., & DEMETROVICS, Z. Are Sexual Functioning Problems Associated with Frequent Pornography Use and/or Problematic Pornography Use? Results from A Large Community Survey Including Males and Females. **Addictive Behaviors**, 106603. 2020. doi:10.1016/j.addbeh.2020.106603

BREGANTIN, R. **Camgirl e a uberização do trabalho sexual na internet no Brasil**. Conference: las encrucijadas abiertas de América Latina La sociologia en tiempos de cambio At: Montevideo, Uruguai 2017. Acesso em 21, Mai, 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/343432081_CAMGIRL_E_A_UBERIZACAO_DO_TRABALHO_SEXUAL_NA_INTERNET_NO_BRASIL .

Bridges, A. J., Wosnitzer, R., Scharrer, E., Sun, C., & Liberman, R.. Aggression and sexual behavior in best-selling pornography videos: A content analysis update. *Violence against Women*, 16, 2010, 1065–1085.

CAMINHAS, L. R. P. **Webcamming erótico comercial no contexto brasileiro: organização, estruturação e dinâmicas internas**. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP, 2020.

CAMINHAS, L. R. P. Webcamming erótico comercial: nova face dos mercados do sexo nacionais. **Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 64, n. 1, p. e184482, 2021. DOI: 10.11606/1678-9857.ra.2021.184482. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/184482>. Acesso em: 26 nov. 2021.

CARROTE, E., DAVIS, A., LIM, M. Sexual Behaviors and Violence in Pornography: Systematic Review and Narrative Synthesis of Video Content Analyses. **Journal of Medical Internet Research**. Mai, 2020. DOI 10.2196 / 16702. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7256746/> . Acesso em 04 Mai. 2021.

CARVALHO, L. Mulheres da CUT são contra.... CUT -Central Única dos Trabalhadores, 3 de dez de 2013. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/mulheres-da-cut-sao-contraregulamentacao-da-prostituicao-473a> Acesso em 08, set, 2021.

CASTRO, Viviane Vidigal. **As ilusões da uberização: um estudo à luz da experiência de motoristas Uber**. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas-Campinas/SP, 2020.

CHAUÍ, M. O que é ideologia. 2 ed., São Paulo, Brasiliense, 2008.

CICLITIRA, K. Pornography, Women and Feminism: Between Pleasure and Politics. **Sexualities**, v.7, n.3, p. 281–301, 2004. doi:10.1177/1363460704040143

COUTINHO, M; BERNARDO, M; SATO, L (orgs.). *Psicologia Social do Trabalho*. Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.

CRUZ, F. Após coronavírus, busca por sites pornô e camgirls cresce no Brasil. **Veja Cultura**, 21 de Mar de 2020. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/cultura/apos-coronavirus-busca-por-sites-pornos-e-camgirls-cresce-no-brasil/> Acesso em 11 Set 2021.

DAVIS, A. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018.

DELPHY, C. Teorias do patriarcado. Em: HIRATA, H., LABORIE, F., LEDOARÉ, H., SENOTIER, D. (coord). **Dicionário crítico do feminismo**, São Paulo: EDUNESP, 2009, p.173-179.

DOBSON, A. Femininities as commodities: Cam girl culture. *In: Next Wave Cultures: Feminism, Subcultures, Activism*. Routledge. 2008. p. 125-150.

DRUCK, G. FRANCO, T. SELIGMANN-SILVA, E. As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. **Rev. bras. Saúde ocup**. São Paulo, 35 (122), p. 229-248, 2010

DUARTE, L.; ROHDEN, F. Entre o obsceno e o científico: pornografia, sexologia e a materialidade do sexo. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 715-737, Dec. 2016. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2016v24n3p715>.

GRANT, Melissa G. Dando uma de puta. A luta de classes das profissionais do sexo. Tradução Lisa Santana. São Paulo, SP: Autonomia Literária, 2021, 176p.

HIRATA, H. Gênero, patriarcado, trabalho e classe. **Revista trabalho necessário**. 16 (29), 2018. <https://doi.org/10.22409/tn.16i29.p4552>

JONES, A. For Black Models Scroll Down: Webcam Modeling and the Racialization of Erotic Labor. **Sexuality & Culture**, v. 19, 2015, p. 776-799. <https://doi.org/10.1007/s12119-015-9291-4>

JONES, A. “I Get Paid to Have Orgasms”: Adult Webcam Models’ Negotiation of Pleasure and Danger. **Journal of Women in Culture and Society**, v.42, n. 1, p.227–256, 2016. doi:10.1086/686758

KRISTOF, N. The Children of Pornhub: Why does Canada allow this company to profit off videos of exploitation and assault?. **New York Times**, Nova Iorque, dez 2020. Disponível em <https://www.nytimes.com/2020/12/04/opinion/sunday/pornhub-rape-trafficking.html?searchResultPosition=2> . Acesso em 28 abr 2021.

LIMA, J. Cenários sobre o presente do trabalho. **Revista da RET**, ano II, nº3, p. 1-13. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2008.

LOPES, M. Pornografia amadora em tempo real: observações preliminares sobre o cam4. In: **SIMSOCIAL – Simpósio em tecnologias digitais e sociabilidade**, Salvador, 2013, p. 1-14.

LOPES, C; LAURETI, C. . Da neutralidade à política. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**. V.18. p. 6-10. 2016.

LUBBEN, S. **The truth behind the fantasy of porn**. Estados Unidos: CreateSpace Independent, 2010.

MANTILLA, N; TOLOZA, J; CACUA, S. Modelos de webcam: repercusiones en la vida diaria y percepción de violencia de género. Floridablanca, Universidad Autónoma de Bucaramanga, Programa de Psicología, 2020.

MARINHO, P; GONÇALVES, H. Práticas de empoderamento feminino na América Latina, **Revista de Estudios Sociales [En línea]**, 56, 01 abril 2016. Disponível em: <http://journals.openedition.org/revestudsoc/9863>. Acesso em 21 mai 2021.

NOGUEIRA, P. Todos querem paz e amor, mas o dinheiro apimenta o mundo: notas iniciais sobre clientes de cam girls, afeto e mercado transnacional de sexo online. In: OLIVEIRA, Thiago (Org.). **Homens nos mercados do sexo: reflexões sobre agentes, espaços e políticas**. 1. Ed. Salvador: Editora De vires, 2019. p. 105-134.

PAREDES, Julieta e GUZMAN, Adriana. ¿Que es el patriarcado para el feminismo comunitario? In: El tejito de la rebeldia. ¿Qué es el Feminismo Comunitario? Bases para la despatriarcalización. La paz: Mujeres Creando Comunidad, 2014, p.76

PASSOS, T ; ALMEIDA-SANTOS, M. Trabalho sexual em período de pandemia por COVID-19 no contexto ibero-americano: análise de anúncio em sites. **Ciênc. saúde coletiva** 25 (11) , nov. 2020.

PRADA, M. Empoderamento financeiro e o “dinheiro que não empodera”. In: **Putafeminista**. São Paulo: Veneta, 2018, p. 63-67.

PORNHUB. **The 2019 Year in review**. 2019. Aberto em 26 de abr 2021, de <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>.

RAMALHO, N. O camming no Brasil: uma breve análise sobre a satisfação de necessidades eróticas e afetivas em tempos de pandemia. Em: Silva, M; Siqueira, L (org.). **Diálogos Contemporâneos: gênero e sexualidade na pandemia**. São Luís, MA. Editora Expressão Feminista, 2021, p. 85 - 93.

RAMOS, Paula Daniela Orduz. . “De la virtualidad, las emociones y el trabajo sexual: un acercamiento desde el modelaje webcam”. Trabajo social. 23(1): 153-172. Bogotá, 2021. doi: <https://doi.org/10.15446/ts.v23n1.86705>

ROPELATO, J. **Internet Pornography Statistics**. 2014. de <http://www.ministryoftruth.me.uk/wp-content/uploads/2014/03/IFR2013.pdf>. Acesso em: 28 de Abr de 2021.

SANTOS, D. **Homens no mercado do sexo: fluxos, territórios e subjetivações**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Florianópolis, 2016.

SILVA, J. **O impacto do consumo de pornografia nas relações de intimidade: Uma revisão teórica**. Tese (Doutorado em Medicina) - Faculdade de Medicina, Universidade do Porto. Lisboa. 2018

SILVA, W. **O sexo incorporado na web: cenas e práticas de mulheres strippers**. Tese (Doutorado). Doutorado em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2014, p. 305.

SUZIN, M. “Igual a maioria dos viciados, eu disse que ia parar, mas não parei” A pornografia no cotidiano de homens heterossexuais: Uma compulsão?. **Repositório Universitário da Ânima (RUNA)**. 2016. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10247>. Acesso em: 18 de Jun de 2021

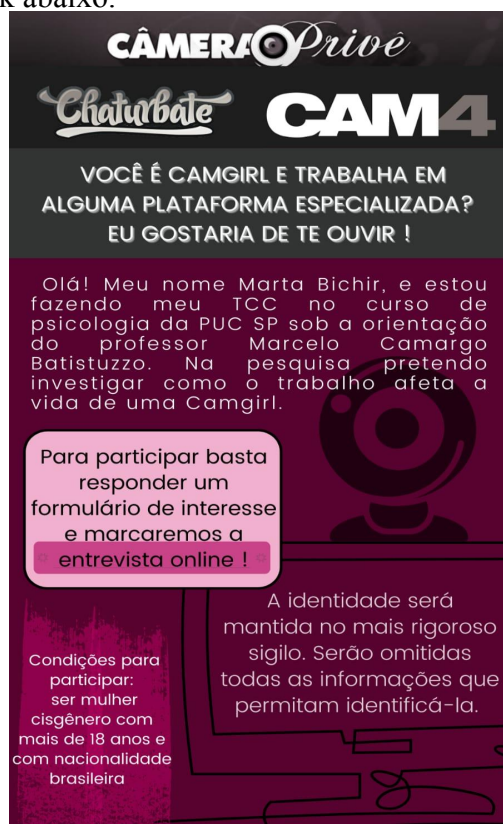
TEFFÉ, C; MORAES, M. Redes sociais virtuais: privacidade e responsabilidade civil: Análise a partir do Marco Civil da Internet. **Pensar**, Fortaleza, v. 22, n. 1, jan./abr. 2017, p. 108-146.

VINTGES, K. Feminismo versus neoliberalismo: práticas de liberdade das mulheres em perspectiva de mundo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 56, e195604, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1590/18094449201900560004>

8. ANEXOS

Anexo 1: Busca por participantes (texto e imagem)

Meu nome é Marta Bichir, sou estudante do último ano da graduação no curso de psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e estou realizando uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso sob a orientação do professor Marcelo Camargo Batistuzzo. Pretendo investigar como o trabalho afeta a vida de uma *Camgirl*. Para isso, realizarei entrevistas semi estruturadas online. Na publicação dos resultados desta pesquisa, a identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la. A participação nesse estudo é voluntária, ou seja, se você decidir não participar ou desistir, tem liberdade para fazê-lo. Mesmo não tendo benefícios diretos em participar, indiretamente estará contribuindo para a compreensão do fenômeno estudado e para a produção de conhecimento científico. Para participar é necessário que seja mulher cisgênero com mais de 18 anos, tenha nacionalidade brasileira e utilize alguma plataforma especializada em *camming* (ex: *Câmera Privê*; *Câmera Hot* etc). A pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética da PUC-SP com parecer número 5.172.898. Aquelas que tiverem interesse em participar devem preencher o link abaixo.



CÂMERA Privê
Chaturbate CAM4

**VOCÊ É CAMGIRL E TRABALHA EM
 ALGUMA PLATAFORMA ESPECIALIZADA?
 EU GOSTARIA DE TE OUVIR !**

Olá! Meu nome Marta Bichir, e estou fazendo meu TCC no curso de psicologia da PUC SP sob a orientação do professor Marcelo Camargo Batistuzzo. Na pesquisa pretendo investigar como o trabalho afeta a vida de uma Camgirl.

Para participar basta responder um formulário de interesse e marcaremos a entrevista online !

Condições para participar:
 ser mulher cisgênero com mais de 18 anos e com nacionalidade brasileira

A identidade será mantida no mais rigoroso sigilo. Serão omitidas todas as informações que permitam identificá-la.

Anexo 2: Termo de consentimento livre e esclarecido

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO- PUC-SP

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

DADOS SOBRE A PESQUISA

TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: *Camgirls*: o impacto do trabalho na vida das modelos de webcam

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Prof. Dr. Marcelo Camargo Batistuzzo

CARGO: Professor da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde.

INSCRIÇÃO CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA no. 06/93.000

PESQUISADORA: Marta de Castro Alves Bichir

CARGO: Aluna do Curso de Psicologia.

Proposta da pesquisa e Procedimentos

Sou estudante do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde (FACHS) da PUC-SP. Convido você a participar da pesquisa: “*CAMGIRLS*: O impacto do trabalho na vida das modelos de webcam” que visa investigar os aspectos psicossociais do trabalho como *Camgirl*, quais as dificuldades e desafios encontrados nessa atividade e além de questões voltadas para a plataforma de trabalho. Essa pesquisa será realizada com mulheres cisgênero brasileiras, a partir de 18 anos de idade, com acesso à internet, falantes de português e que fazem uso de plataformas especializadas em *camming*. Sua colaboração neste trabalho é voluntária e sua participação consistirá em realizar uma entrevista semi-estruturada online.

Sigilo e privacidade

Todos os dados coletados serão mantidos em sigilo, preservando a identidade das(os) colaboradoras(es). As entrevistas serão gravadas apenas o áudio para posterior transcrição, estas gravações serão deletadas depois disso. Há a possibilidade da colaboradora não permitir a gravação da entrevista em áudio. As informações obtidas poderão ser apresentadas em reunião científica, contudo restritas ao meio acadêmico-científico e sempre preservado o sigilo sobre a identidade da pessoa.

Riscos e Benefícios

Ao participar dessa pesquisa, o voluntário estará sob risco mínimo. Sua participação é voluntária, isto é, você pode optar por parar a qualquer momento sem consequências negativas. Sua participação é importante e vai ser fonte de

informações relevantes do processo de investigação do impacto do trabalho na vida das *Camgirls*.

Despesas e compensações

Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação.

Demais informações

Esta investigação não fere direitos humanos, não atua de maneira violenta com os sujeitos, resguarda a identidade e mantém o sigilo das suas informações, seguindo as diretrizes e normas regulamentadoras da Resolução 196, de 10 de outubro de 1996, de pesquisas envolvendo seres humanos, do “Conselho Nacional de Saúde”. Você não terá nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada à sua participação na pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida sobre a pesquisa você poderá entrar em contato com o coordenador responsável pelo estudo: Professor Dr. Marcelo Camargo Batistuzzo, que pode ser localizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (telefone 11-3670-8320) das 8 às 17h ou pelo e-mail mcbatistuzzo@pucsp.br, ou com a aluna pesquisadora, que a encaminhará ao professor do caso, visando as esclarecer da melhor forma possível. O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Saúde – CEPIS, também poderá ser consultado caso você tenha alguma consideração ou dúvida sobre a ÉTICA da pesquisa pelo telefone 11-3116-8597 ou pelo e-mail cepis@isaude.sp.gov.br.

Guarde uma cópia deste formulário de consentimento se desejar, através do link a seguir:

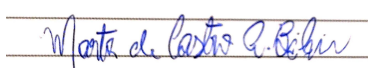
 **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu entendo perfeitamente os conteúdos deste formulário de consentimento e concordo em participar neste estudo. Eu também concordo em não divulgar os detalhes deste estudo para outras entidades.

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito do que li ou foi lido para mim, sobre a pesquisa: “*Camgirls*: o impacto do trabalho na vida das modelos de webcam”. Ficaram claros para mim os propósitos do estudo, os procedimentos, garantias de sigilo, de esclarecimentos permanentes e isenção de despesas. Concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Por favor, assinale a opção abaixo para indicar que você tem 18 anos ou mais de idade, leu e concorda com o que está acima.

	Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido deste entrevistado para a sua participação neste estudo.
--	---



Assinatura da pesquisadora executante



Assinatura do responsável pelo estudo

Anexo 3: Roteiro da entrevista

Informações sobre o perfil da trabalhadora:

- 1) Idade:
- 2) Estado civil:
- 3) Com quem mora? - Sozinha, com parentes, filhos?
- 4) Grau de escolaridade
- 5) Raça auto declarada: ex: branca, preta, amarela, indígena etc
- 6) Renda familiar em SM :
- 7) Renda própria:

História com o trabalho:

- 1) Como/ quando começou no *camming*? Motivos que levaram a essa atividade.
- 2) Realizou outros trabalhos remunerados na vida? Tinha vínculo empregatício?

Rotina de trabalho:

- 3) Como é seu dia a dia? Poderia descrever sua rotina? (Ou um dia típico da rotina)
 - Quantas vezes por semana atua como *camming*?
 - Quantas horas por dia? São horas sequenciais? Faz pausas?
 - Quanto ganha ?
 - De onde você faz as apresentações? Quarto?
 - É pelo computador? Celular?

O *camming* enquanto um trabalho:

- 4) Como é ser uma *camgirl*?
- 5) Como você definiria seu trabalho?
- 6) Principais vantagens? Principais desafios?
- 7) O que mudou na sua vida desde que começou a ser *camgirl*?
- 8) Quais são seus planos de vida no trabalho?
- 9) Alguma pessoa do seu ciclo de amizades/família/ etc sabe que você é *camgirl*?
- 10) Você tem rede de apoio/ contato com outras *camgirls*?

Ferramenta de trabalho: plataforma digital

- 11) Qual plataforma você utiliza? Por que escolheu essa?
 - O que gosta e não gosta dessa plataforma?

- Quantos % do que você recebe fica com a plataforma?
 - O que achou do termo de trabalho que teve que aceitar para se cadastrar nessa plataforma?
 - Existiam critérios de seleção para entrar na plataforma? Que tipo de informação precisou passar?
- 12) Como você divulga seu trabalho? Faz uso das redes sociais para isso? Como tik tok, Instagram, Twitter etc?